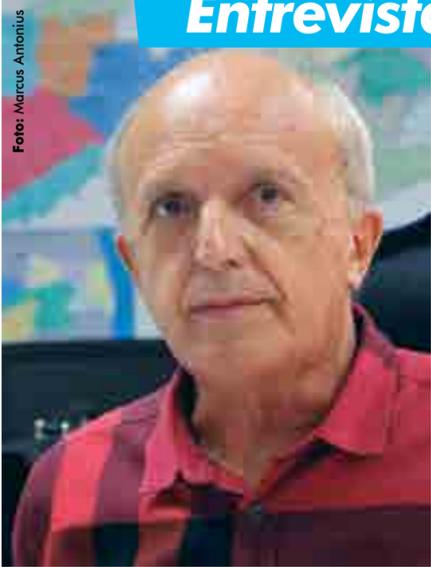


Entrevista



Saúde Secretário Geraldo Medeiros faz um balanço dos seis meses de pandemia na Paraíba. [Página 4](#)

PB vai ganhar memorial dedicado aos que deram a vida pela democracia

Acervo documental e audiovisual permanente sobre as vítimas do regime militar será instalado na Fundação Casa de José Américo, no Cabo Branco, em João Pessoa. [Página 3](#)

Foto: André Resende/Divulgação



Aberto ao público, acervo terá cerca de 70 mil arquivos entre documentos impressos e digitalizados sobre os anos de chumbo

Foto: Francisco França/Secom-PB

Paraíba



Ligando cidades Até o fim da gestão, Governo deverá ter investido R\$ 700 milhões em estradas. [Página 5](#)

Consumo de cigarro e bebida cresce durante a pandemia

Pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz realizada em todo o país constatou maior nível de ansiedade e sentimento de tristeza nas pessoas entrevistadas. [Página 7](#)

Almanaque



Real ou imaginário? Zé Limeira e suas histórias surreais criaram o "poeta do absurdo". [Página 17](#)

Diversidade

Foto: Márcia Dementshuk/Divulgação



Para alavancar a demanda Projeto fomenta caprinocultura leiteira na PB a partir da organização da cadeia produtiva e foca na culinária gourmet. [Página 16](#)



Foto: Marcus Antonius

Grito que ecoou da PB Processo de independência do Brasil teve início por aqui a partir de insatisfações da elite açucareira. [Página 15](#)



Foto: Roberto Guedes

GIRO NOS MUNICÍPIOS Paraíba



Pitimbu em francês
Com 13 praias, município paraibano resgata história ligada à França e tem, na natureza, seu principal atrativo. [Página 8](#)

Cultura



Foto: Divulgação

Na Tabajara Bia Fernandes, Rosa Aguiar, Ana Adelaide Peixoto e Suzy Lopes estreiam, quarta-feira, o programa 'Com a Língua Solta'. [Página 9](#)

Editorial

Caminhos

Setembro chegou, trazendo com ele, além de flores, novos investimentos em infraestrutura, promovidos pelo governo estadual. Entre eles, a construção de estradas que ligam várias comunidades, a exemplo de Nazaré e Pocinhos. Construir estradas gera emprego e renda – binômio fundamental em tempo de crise econômica - e melhora a qualidade de vida da população.

As estradas são muito conhecidas por serem fomentadoras do progresso econômico. Facilita o escoamento da produção, seja ela urbana ou rural, proporcionando a circulação de mercadorias e, com elas, o dinheiro, evidentemente. Um porto, por exemplo, perderia muito em importância se não contasse com uma malha rodoviária que lhe facilitasse o acesso.

Um sistema de transporte viário é considerado eficaz quando as vias principais e secundárias (as chamadas estradas vicinais) são bem conservadas e interligadas a partir de uma logística inteligente. Desse modo, a mobilidade e os acessos não sofrem interrupções desnecessárias, fazendo com que os insu- mos, por exemplo, cheguem facilmente aos centros produtivos.

Mas a importância das rodovias vai além do fator econômico. No que diz respeito aos serviços prestados pelo governo, as estradas permitem, por exemplo, que a população receba uma assistência mais rápida e eficaz em áreas como saúde e segurança. Imagine uma ambulância transportando um paciente grave por uma estrada sertaneja com muitas ladeiras e buracos.

A cultura também se beneficia das estradas. A promoção de espetáculos artísticos nas comunidades interioranas se torna mais cara e complicada quando uma determinada cidade não é bem servida de estrada. Acontece o mesmo com o turismo. Por mais atrativos culturais e naturais que tenha uma cidade, sem uma boa estrada esses tesouros não poderão ser bem explorados.

Este espaço é curto para uma análise mais pormenorizada de todos os benefícios que as estradas proporcionam à população. Fica a certeza, para usar uma imagem condizente com o assunto em tela, que a Paraíba segue por um bom caminho ao continuar investindo na conservação e construção de novas estradas, como faz, sem demora, o governador João Azevêdo.

Artigo

Martinho Moreira Franco
martinhomoreirafanco46@gmail.com

Dias melhores se foram

Um 7 de Setembro, o de amanhã, que entra para a história de forma inimaginável, em especial para quem viveu intensamente o Dia da Pátria na infância e na adolescência. Criança, no bairro de Jaguaribe, papai me acordava logo cedo para ir ao Palácio da Justiça, do qual era porteiro. No parapeito da janela da Sala do Júri, assistia sentado à parada militar vinda da Rua Duque de Caxias (sem trocadilho) em direção às Trincheiras (idem), passando pela Praça João Pessoa, defronte ao Palácio do Governo. Civis também participavam do desfile. O som dos dobrados sublinhava a solenidade daqueles passos que tanto encantava meus olhos infantis. Um pouco crescido, nem precisava sair de casa: morando ao lado do 15 RI, em Cruz das Armas (sem trocadilho), era despertado pelo Toque de Alvorada e, por cima do muro do quartel, observava os primeiros movimentos da tropa que se preparava para desfilar no centro da cidade. Meu pai se reencontrava com a sua infância, pois fora morador da Rua Sá Andrade, ao lado do quartel da Polícia Militar. Quando a família se mudou para a Rua da Palmeira e pudemos ter a primeira radiola, ele abria o Dia da Pátria ouvindo o long-play da Banda de Fuzileiros Navais do Rio de Janeiro. Nasceu daí minha admiração pelos dobrados.

Chegou o tempo do Liceu e, com isso, os melhores 7 de Setembro da minha vida. Não que deixasse de apreciar as paradas militares, mesmo quando o país viveu sob a ditadura que desviou da legalidade influentes segmentos das Forças Armadas. Mas o antes, o durante e o depois dos desfiles colegiais eram para não esquecer. E eu os preservo nítidos na memória até hoje. Tudo começava bem antes da data oficial, com os ensaios pelas ruas do entorno da Avenida Getúlio Vargas e até por percursos mais longos. Os instrutores sofriam o diabo. As

palavras de ordem nem sempre eram obedecidas, notadamente a que determinava acertar o passo. Nivelar as fileiras, ajustando as alas, demandava esforço incomum, pois se tornava extremamente difícil obter simetria em meio a tantos vacilos na marcha. Aos trancos e barrancos, porém, dava-se por sofrível o resultado e encerrava-se o treinamento. Um caso à parte era o ensaio da banda marcial, por exigir precisão e harmonia entre os movimentos do corpo e o manuseio dos instrumentos. Participar da banda, aliás, era o sonho de consumo de dez entre nove alunos escalados para desfilar. Já na terceira ou quarta série ginasial, eu consegui uma vaga para ensaiar tocando surdo, mas me saí tão mal que quase levei um tapa no pé do ouvido.

Uma gritaria para Grito do Ipiranga nenhum abafar no peito.

Finalmente, chegava o grande dia. E não era propriamente o desfile que me tornava feliz no Dia 7. Nem sequer os preparativos em cima da hora da partida para o Parque Solon de Lucena ou a Praça da Independência, locais da cerimônia. O que me fazia leve e solto era a algazarra assim que se encerrava a parada civil e militar. Todos corriam de um lado para outro numa espontânea e prazerosa manifestação que também envolvia alunos de outros colégios. Pensem numa celebração! Clarins, cornetas, tubas e trombones enchiam os ares de notas dissonantes sopradas ao vento como brado de liberdade. Aquilo, sim, era o maior espetáculo cívico em exaltação à Independência do Brasil. Uma gritaria para Grito do Ipiranga nenhum abafar no peito de desafinados que também tinham um coração a bater por amor à nação brasileira. Pena que nunca ninguém tenha fotografado o cenário e seus figurantes numa roley-flex. O que revela uma enorme ingratidão para com tanta e tão natural beleza patriótica. Pior ainda é amargar o suplício dessa saudade num 7 de Setembro sem ver a banda passar.

Artigo

Sitônio Pinto
sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

Guarás

Quem escapou fedendo da Corona foi o procurador Eitel Santiago. Passou 14 (catorze) dias numa UTI em Brasília. Perdeu Só vim a saber anteontem 14 kg. Brasília já é ruim pra quem está sadio, imagine pra quem está doente. Eu já tive uma virose em Brasília, uma gripe de lascas o cano. Escapei fedendo, muito, como Eitel, pois passei uma semana sem tomar banho. Só escapei porque a dona da pensão onde eu fazia refeições não deixou eu voltar para a república em que eu morava com outros paraibanos.

- Meu filho, você não vai pra casa com essa gripe. Vai dormir aqui. Dona Joana alojou-me num beliche no quarto onde dormia com sua filha Verinha, mais outro freguês. E eu fui escapando. Ainda chegou um filho da égua e disse que eu estava com meningite, um surto que viralizou no Planalto, e que matava os jogados como eu. Naqueles tempos difíceis, eu era redator de um agência de propaganda, mas a firma não vinha pagando em dia, e eu bebia o pouco que recebia. Estava devendo até a Dona Joana.

Minha avó materna também tinha esse nome, era Dona Joana do Jericó, uma vila de Pernambuco a seis km de Princesa. Lá nasceram a pintora Celene e o lingüista José Eias, mais outros irmãos desses dois.



Dona Joaquina era irmã de Zepereira, o coronel. E eu não sou irmão de ninguém. Só da humanidade, pois sou filho único. Por irmãos tive muitos cachorros, ainda tenho. Eles são zelosos comigo, não deixam Ilka nem me tirar da cadeira de rodas, pensam que ela está me maltratando. Faz a maior zoada.

Só escapei porque a dona da pensão onde eu fazia refeições não deixou eu voltar para a república em que eu morava com outros paraibanos.

Bolsonaro vai prorrogar o auxílio emergencial. Já pegou o seu? Vá buscar antes que se acabe, tem muita gente que não precisa levando. Antes assim que muchila vazia. Antigamente, a gente comentava, quase com inveja, que no primeiro mundo os desempregados recebiam algum do governo. O Brasil está virando um país do terceiro mundo: já socorre seus desempregados. Com pouco, mas o socorro é maior do que zero. O presidente disse bem: "é pouco pra quem recebe, mas é muito para quem dá."

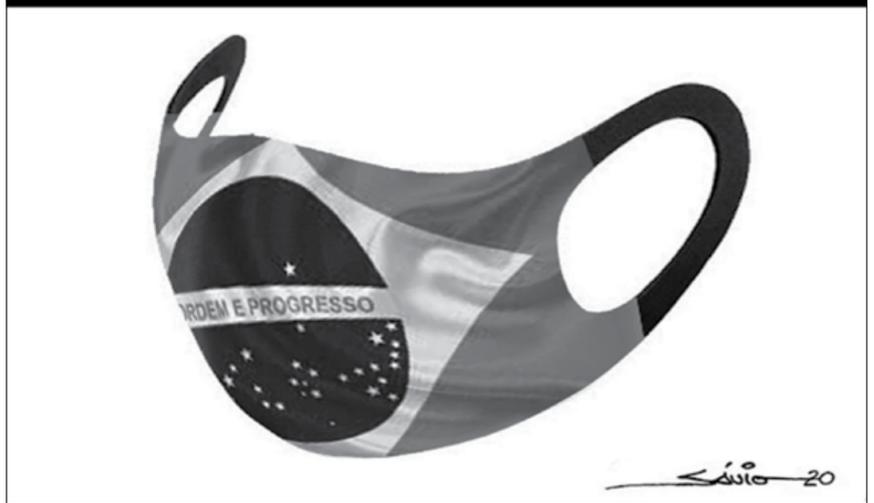
Boa sacada. Quem terá sido o redator da Secom que sacou essa? Está quase ao nível do "Lula lá". Você sabia Esse fui eu.

Proponho uma reforma no Lula lá. Você sabia? Esse foi eu. Lula cá, pois o homem está sendo inocentado de todas as acusações contra ele, pela instância superior. Será que ele vai demandar civilmente? Serão necessários muitos guarás para indenizar o companheiro Lula da Silva.

Domingos Sávio
savio_fel@hotmail.com

Humor

VAI SAIR? USE!



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albigele Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV



A UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$200,00 / Semestral R\$100,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

OUVIDORIA:
99143-6762

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.



Sem esquecer as páginas da DITADURA

Casa de José Américo abrirá em 2021 o Memorial da Democracia da Paraíba, com acervo aberto ao público

Foto: André Resende/Divulgação

Dina Melo
dinapereirademelo@gmail.com

A Fundação Casa de José Américo, na orla do Cabo Branco, em João Pessoa, está preparando uma homenagem às pessoas que dedicaram a vida – em muitos casos, a morte –, à democracia. Lá será instalado o Memorial da Democracia da Paraíba, com um acervo documental e audiovisual permanente sobre as vítimas do regime militar que atravessou o Brasil de 1964 a 1985. O prédio histórico, que está em reforma, receberá toda a documentação impressa e digitalizada dos anos de chumbo – são mais de 70 mil arquivos, que estarão abertos à visitação provavelmente a partir de março de 2021.

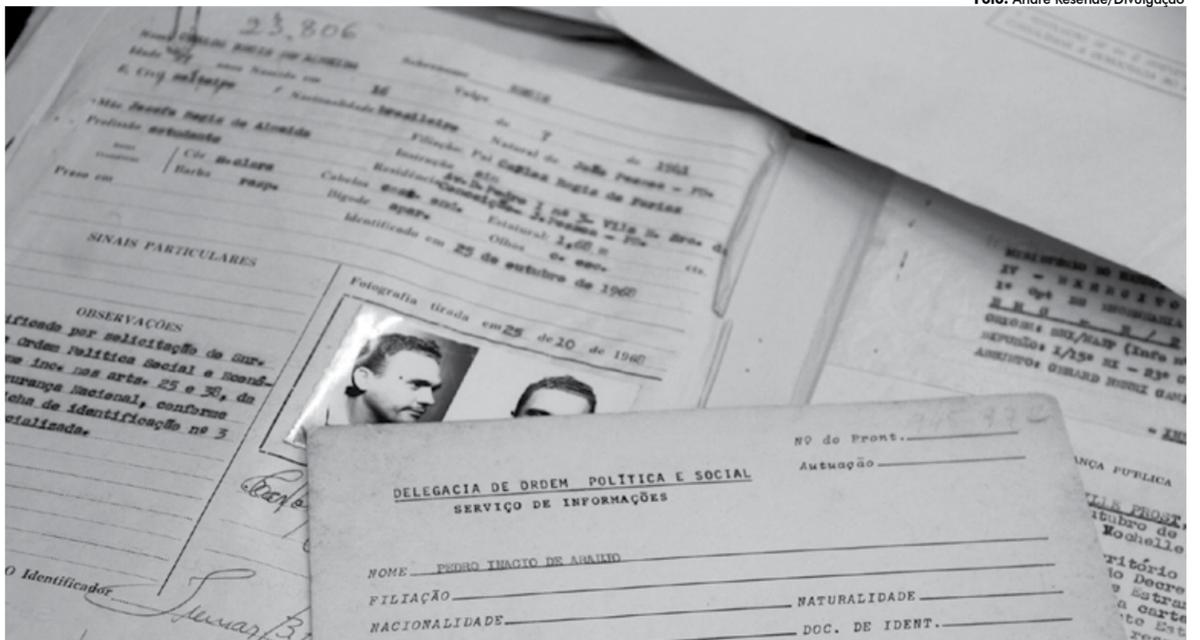
“Todo o conteúdo é originário das apurações da Comissão Estadual da Verdade (CEV-PB), constituída entre 2013 e 2017, e de repositórios do Arquivo Nacional e de outros estados. Desde o fim dos trabalhos da comissão, estávamos pensando na formatação desta exposição e nos projetos para manter viva esta memória”, explica a historiadora Lúcia Guerra, diretora do Departamento de Documentação e Arquivo da fundação.

Embora o conteúdo provenha de arquivos, não é intuito do memorial se tornar mais um. “Tanto que há um plano museológico desenhado para receber as pessoas, escolas, desenvol-

ver projetos e realizar seminários e cursos. A Paraíba é o Estado no Brasil que mais se dedica à preservação da memória da ditadura no Brasil”, exalta Ana Paula Brito, gerente operacional dos Órgãos Setoriais e encarregada mais intimamente do projeto. Coligado a este, há o Memorial das Ligas Camponesas, em Sapé, e o Museu Casa de Margarida Maria Alves, em Alagoa Grande – dois sustentáculos da resistência no interior que acabaram sufocados da maneira mais sangrenta pela truculência militar.

Queima de arquivo

A maior porção do acervo disponível está digitalizada. “Infelizmente, de físico, restaram 800 documentos e 6 mil fichas que agentes do serviço secreto da Delegacia (ou Departamento) de Ordem Política e Social da Paraíba (Dops-PB) fizeram dos civis suspeitos de envolvimento em ‘atividades subversivas’”, aponta Guerra. A sede da Dops em João Pessoa funcionava próximo à Praça Rio Branco, no Centro Histórico. Outro aparato do serviço de formação e contrainformação local era a Delegacia/Departamento de Ordem Política, Social e Econômica (Dopse). Conforme o relatório da CEV-PB, a maior parte da documentação é relativa aos anos 1980, embora haja documentos de décadas anteriores. Depois de findo o regime, as tais fi-



Ficheiros com informações de vítimas da ditadura militar na Paraíba utilizados pelos agentes da repressão; acervo será disponibilizado à visitação pública

chas migraram para outras repartições públicas, onde podem ter “desaparecido”, suspeitam elas.

A considerar que foram 21 anos de repressão e dezenas de milhares de pessoas estavam na mira do governo por supostamente estarem em desalinho com a ideologia conservadora, as pesquisadoras cogitam que o sumiço é mais que proposital – era um plano orquestrado de apagamento do passado, assim como a face mais radical da violência institucional desenvolveu-se nos anos Médici, com sua censura, seus sequestros, torturas, prisões, expurgos e assassinatos. “O caso da Paraíba não difere do de outros estados e reflete o descaso de uma política de preservação

da memória como um todo. Um processo de manipulação do imaginário público que serve para deturpar a história”, analisa Brito.

– a mão de ferro do regime local de prisões arbitrárias e torturas. Muitos presos que morreram entraram na lista oficial de desaparecidos. As

investigações da Comissão Nacional da Verdade chegaram à conclusão de que o número de torturados no Brasil pode chegar a 30 mil.

“Todo o conteúdo é originário das apurações da Comissão Estadual da Verdade (CEV-PB), constituída entre 2013 e 2017”

A maioria dos presos políticos era levada à sede do IV Exército, no Recife, onde ficava o Destacamento de Operações e Informações – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi)

+ Um museu em construção

Os trabalhos da Comissão Estadual da Verdade levaram quatro anos e envolveram também a realização de oitivas e audiências com os sobreviventes e até com um torturador, em sessão de acareação com as vítimas (há gravações em vídeo). O relatório final conta 748 páginas. Este material está disponível pelo site cev.pb.gov.br. “Porém, nem tudo foi apurado ainda – e um dos propósitos do Memorial da Democracia da Paraíba é completar o acervo à medida que visitantes voluntários quiserem compartilhar as suas vivências durante o período”, anuncia Lúcia Guerra.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

NA CÂMARA DE VEREADORES DE JOÃO PESSOA, VEREADORES VIVEM DILEMA: SER OU NÃO SER?

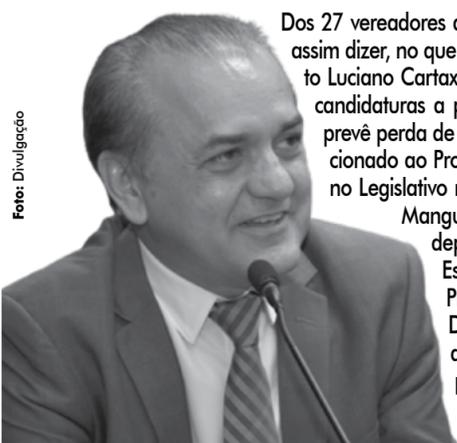


Foto: Divulgação

Dos 27 vereadores da Câmara Municipal de João Pessoa, 12 estão entre a cruz e a espada, podemos assim dizer, no que tange ao posicionamento político na eleição majoritária: eles são da base do prefeito Luciano Cartaxo (PV), mas são obrigados, por questões pertinentes à legislação eleitoral, a apoiar candidaturas a prefeito de seus partidos, sob pena de incorrerem em infidelidade partidária, que prevê perda de mandato, caso consigam a reeleição. O exemplo flagrante dessa situação está relacionado ao Progressistas do pré-candidato a prefeito Cícero Lucena, que tem cinco representantes no Legislativo municipal: Damásio Franca, Elisa Virgínia, Helena Holanda, João Corujinha (foto) e Mangueira. Todos afirmaram que continuarão apoiando as matérias do prefeito na casa, independentemente do partido ao qual estão filiados ser de oposição à gestão municipal. Esse mesmo discurso foi adotado por vereadores do Avante, legenda que se aliou ao Progressistas – Chico do Sindicato, Professor Gabriel, Raissa Lacerda, Renato Martins e Dinho. Quer mais exemplos dos que vivem esse dilema? O vereador Thiago Lucena, do PRTB do pré-candidato Eduardo Carneiro, e o vereador Luís Flavio, do PSDB do pré-candidato Ruy Carneiro. Para dizer o mínimo, é uma postura contraditória. “Ninguém pode servir a dois senhores”, lembra-nos o trecho bíblico.

“NÃO EXISTE PLANO B”

Há quem diga que o isolamento da pré-candidatura de Edilma Freire (PV) poderá obrigar o grupo do prefeito Luciano Cartaxo a celebrar uma aliança na qual ela figuraria como candidata a vice. Secretário de Articulação Política de João Pessoa, Hildevânio Macedo nega essa possibilidade: “Não existe plano B”, garantiu.

ALIANÇA QUASE IMPOSSÍVEL

Numa emissora de TV, Hildevânio Macedo admitiu que o PV está em tratativas com o PSB de Ricardo Coutinho visando uma composição, reafirmando, porém, que esse diálogo não passa pela possibilidade de Edilma ser candidata a vice. Sendo assim, opino eu, vai ser quase impossível essa aliança vingar: os socialistas miram na cabeça de Cartaxo.

FIJARÁ EM DUAS FRENTE

A vereadora Helena Holanda (PP) foi provocada a falar sobre sua posição em relação à eleição em João Pessoa. Vai apoiar o pré-candidato do seu partido, Cícero Lucena, ou a pré-candidata do PV, Edilma Freire? Vai apoiar Cícero, confirmou, reafirmando, contudo, que continua firme e forte na bancada de Cartaxo.

É COINCIDÊNCIA OU ALIANÇA?

A maioria dos jornalistas que cobre a política em João Pessoa não acredita que o Solidariedade levará à frente a pré-candidatura de João Almeida a prefeito. Classificam como “balão de ensaio”. O partido, porém, confirmou a data de sua convenção: dia 15, a mesma data da convenção do MDB de Nilvan Ferreira. É coincidência ou sinaliza aliança?

UMA ALIANÇA IMINENTE

Tornou-se iminente uma aliança entre o Democratas e o PSL, em João Pessoa. O acordo prevê a retirada da pré-candidatura de Julian Lemos e seu engajamento na pré-candidatura de Raoni Mendes a prefeito, não necessariamente com o PSL indicando o candidato a vice. O construtor dessa aliança, Efraim Filho, confirma tal entendimento.

DANIELLA RIBEIRO SOBRE CARTAXO: FALTA ARTICULAÇÃO AO PREFEITO

A senadora Daniella Ribeiro (PP) foi provocada a falar sobre a saída da sua xará, Daniella Bandeira, da Prefeitura de João Pessoa e aproveitou para criticar a condução do prefeito Luciano Cartaxo no processo de escolha da pré-candidatura do PV, que terminou gerando dissidência: “Demonstra a falta de articulação do prefeito”.

Geraldo Medeiros
Secretário de Estado da Saúde

“A vacina não vai acabar com a pandemia”

Gestor falou sobre o quadro atual da covid-19, a expectativa por uma vacina e a necessidade de se manter ações preventivas

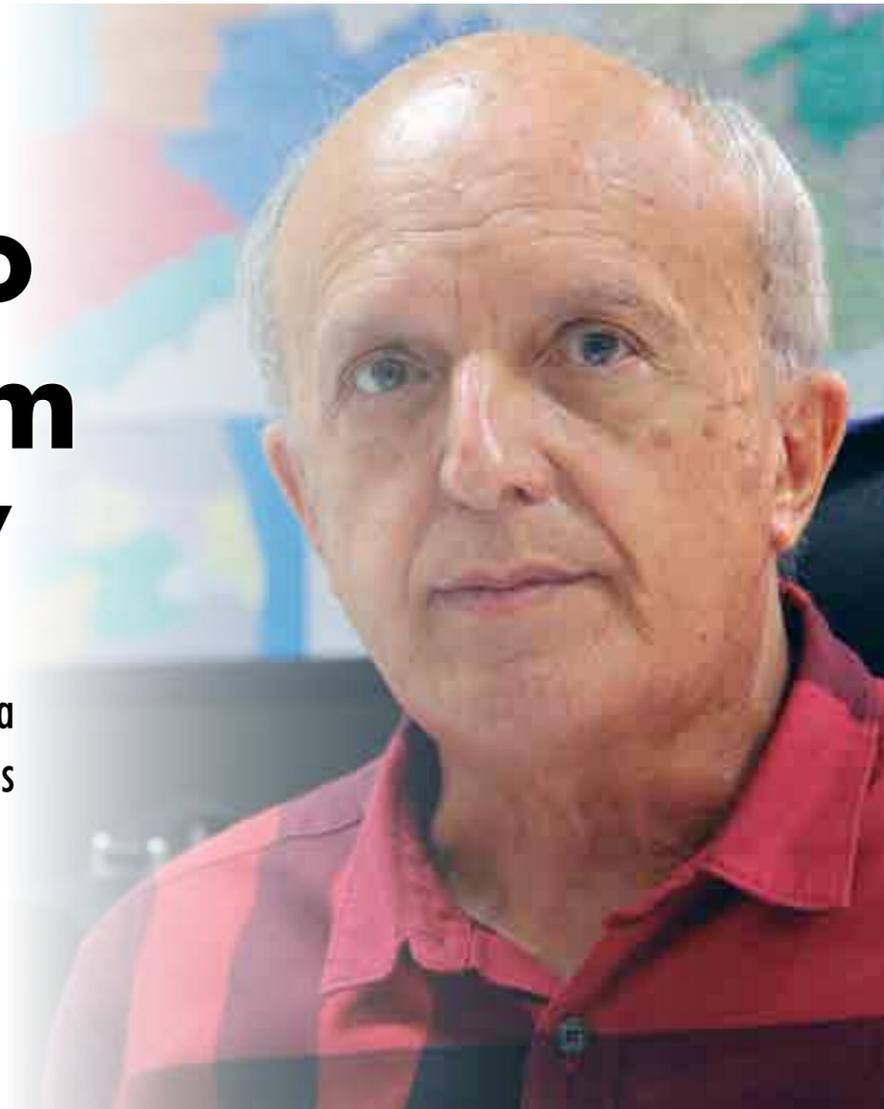
Ana Flávia Nóbrega
ana8flavianobreg@gmail.com

Há exatos 172 dias, o Estado da Paraíba registrou o primeiro caso de contaminação pelo novo coronavírus. Hoje, ultrapassada a marca de 109 mil casos confirmados e 2.500 óbitos, o Estado vive um momento de estabilidade, presenciando a desaceleração e decréscimo no número novos registros da doença. Neste novo cenário, porém, os cuidados sanitários pessoais e coletivos não podem ser esquecidos. Isto porque, a pandemia ainda não acabou e, segundo Geraldo Medeiros, secretário da Secretaria de Estado da Saúde (SES), ainda está distante de acabar.

Sem vacina, as únicas maneiras de evitar

a contaminação em larga escala segue sendo medidas restritivas e orientações de higiene pessoal. O que não vem sendo observado nos últimos dias. Praias, bares, shoppings e outros estabelecimentos comerciais e espaços públicos propiciam, cotidianamente, cenas de aglomerações com pessoas sem máscaras e com quase nenhum distanciamento social. As cenas são rotineiras no mundo todo, mas o alerta por uma segunda onda já começou.

Na Europa, o crescimento de casos obriga grandes nações a intensificarem a imposição de novas restrições representando uma desaceleração abrupta no processo de flexibilização iniciado ainda no mês de maio. As medidas visam frear a propagação da pandemia para evitar que mais pessoas tornem-se



vítimas da covid-19. O que serve de sinal de alerta para todo o mundo, mesmo com a existência da vacina.

Na Paraíba, mesmo com a situação controlada, a SES e autoridades observam o cenário mundial e nacional na tomada de decisões.

Para entender qual é o momento epidemiológico que estamos vivendo, o Jornal A União ouviu o secretário da SES, Geraldo Medeiros, que falou sobre o panorama estadual quase seis meses após o início do convívio diário com o vírus em terras paraibanas.

A entrevista

Qual é o momento epidemiológico que a Paraíba vive neste momento?

■ Nós estamos com uma situação de decréscimo no percentual de leitos de UTI adulto ocupados e uma perspectiva de, nos próximos 15 dias, termos uma inclinação na curva de incidência de novos casos confirmados no Estado. Isso nos dá uma tranquilidade, uma segurança. Mas não podemos dizer que a pandemia está chegando ao final. Estamos observando, hoje mesmo, a Europa chegando aos mesmos níveis de incidência de casos novos confirmados do início da pandemia. Isso pode ser sintomático de uma segunda onda na Europa. E, claro, o Brasil e o mundo não são diferentes. As pessoas se aglomeram, não obedecem as determinações de saúde...

Nesse fim de semana, em João Pessoa, com o feriado prolongado, as pessoas vão se aglomerar na praia, não usam máscaras, se tocam, se aproximam e isso, naturalmente, promoverá o aumento no número de novos casos daqui a 15 dias. Essa é uma tônica desse vírus que tem uma baixa taxa de letalidade, mas um alto poder de transmissibilidade e propagação.

Com cientistas trabalhando incessantemente para produzir uma vacina que ofereça eficácia, podemos dizer que superaremos a pandemia em um curto espaço de tempo?

■ Com relação a vacina, nós estamos mesmo na esperança de que possamos ter resultados que permitam uma segurança e uma cobertura. De antemão, em função do tempo que elas foram elaboradas, o meio científico tem a convicção que não serão vacinas que terão uma boa cobertura. O critério é que tenha uma cobertura de mais de 50%. Então não é a solução. As pessoas leigas acham que chegando a vacina vai acabar tudo. Mas nós teremos que conviver com a pandemia durante muitos meses e, eu diria, até por uns dois anos. As pessoas tem que ter em mente

que não poderão adotar os mesmos hábitos que tinham antes do início da pandemia. Será preciso manter o isolamento social, o uso de álcool em gel e máscaras.

Mesmo com a cobertura incerta, a expectativa para a chegada da vacina é gigantesca em toda a população mundial. A produção, no entanto, não será capaz de atender a toda demanda mundial de uma só vez. Como será essa distribuição? Estados já se articulam com o Ministério da Saúde?

■ Quando chegar, o Ministério da Saúde vai determinar o fluxo de distribuição dessa vacina. O Brasil tem o privilégio de dispor de um sistema de saúde organizado, como é o SUS, com estrutura sólida e robusta que permite uma distribuição e aplicação rápida. É claro que qualquer campanha vacinal direcionada inicialmente a aplicação aos grupos de maior risco e a vacina contra a covid-19 não será diferente. Quanto testadas e cinco delas em estado avançado nos testes clínicos. Mas o quantitativo de vacinas que seria necessário para a vacinação da população mundial é de aproximadamente dois bilhões de unidades.

exposição e risco como profissionais de saúde e de segurança pública, os idosos e pessoas com fatores de risco com doenças crônicas. Porque não temos vacina para todo mundo. Temos nove vacinas sendo testadas e cinco delas em estado avançado nos testes clínicos. Mas o quantitativo de vacinas que seria necessário para a vacinação da população mundial é de aproximadamente dois bilhões de unidades.

O que a população deve manter neste processo acelerado de flexibilizações onde a pandemia e as mortes estão praticamente normalizadas?

■ Nós temos que reconhecer, inicialmente, os 40% de paraibanos, isto é um milhão e seiscentos mil que seguiram regidamente as orientações da Secretaria Estadual de Saúde ficaram em casa obedecendo as regras sanitárias. Aqueles dois

milhões e quatrocentos mil paraibanos que não seguiram essas regras, nós esperamos que, no momento como esse de flexibilização lenta e gradual e essas pessoas retornam as atividades habituais, eles possam entender que o uso de máscaras, a lavagem das mãos, o uso de álcool em gel e o distanciamento social são medidas preventivas essenciais no sentido de não termos, no futuro, uma segunda onda que se insinua na Europa.

O posicionamento do presidente Jair Bolsonaro impactou no enfrentamento da pandemia?

■ É claro que o presidente, na vigência de uma pandemia em uma nação com dimensões continentais como é o caso do Brasil, ele deveria ter um papel fundamental de orientação, políticas de governo e planejamento. A partir do momento que o presidente manifestou que o início da pandemia era apenas uma ‘gripezinha’, desestimulando o uso de máscaras e todas as regras sanitárias orientadas pelos grandes epidemiologistas do meio científico no mundo inteiro, isso traz um desconforto e prejudica as ações preventivas com relação a pandemia em todo o país.

A Paraíba manteve uma posição mais confortável no gerenciamento da pandemia diante de outros estados do Brasil que chegaram a figurar cenas lamentáveis. Como foi essa atuação do Governo Estadual?

■ A Paraíba foi reconhecida a nível nacional como um dos cinco estados da federação que melhor conduziu e manuseou essa pandemia. Isso em uma decorrência de uma série de ações do Governo do Estado que consistiu no aumento de mais de mil leitos hospitalares, aproximadamente 400 leitos de UTI, a testagem ampla da população. Essa testagem ampla proporciona o aumento do diagnóstico e, além disso, com uma testagem ampla

diagnosticados precocemente isolamos essas pessoas diminuindo o grau de propagação do vírus. Não presenciamos, por exemplo, nenhum paraibano circulando em uma ambulância em busca de uma UTI e não encontrar. Este é um cenário que felizmente o cidadão paraibano pode privilegiar. Diferente de muitos estados da federação que tiveram um colapso na rede pública de saúde. Então todas essas ações do Governo, a edificação reforma de três hospitais em um espaço curto de tempo de três meses, por exemplo, fez com que a Paraíba desempenhasse um papel de realce no cenário nacional no enfrentamento dessa pandemia.

Quais são os ensinamentos que o senhor, enquanto secretário, pôde tirar desse momento de enfrentamento na gestão de uma crise de saúde que afetou o mundo todo?

■ Ao longo desse 1 ano e meio em que nós estamos exercendo função de secretário tivemos inúmeras dificuldades no início da gestão e logo em seguida surgiu, inesperadamente, essa pandemia que requer

muita abnegação e coragem de todos os profissionais da Secretaria, os profissionais de saúde que são os nossos heróis e guerreiros que se expuseram a carga de grau altíssimo. Todo esse trabalho executado nos forneceu ensinamentos e aprendizado contínuo de como conduzir essa doença com mudanças progressivas, gerando uma menor taxa de letalidade e, acima de tudo, promover para a população mundial a humildade de que nós ainda sabemos muito pouco sobre esse vírus. Há também a necessidade de que a população mundial e da sociedade como um todo tenha noção exata da preservação do meio ambiente porque o surgimento dessas pandemias tem a ver também com a destruição do meio ambiente promovida desenfreadamente pelo ser humano numa insensatez total.

/// A Paraíba foi reconhecida a nível nacional como um dos cinco estados da federação que melhor conduziu e manuseou essa pandemia. Isso em uma decorrência de uma série de ações do Governo do Estado. ///



Foto: Roberto Guedes

Rodovias: ligando cidades, gerando desenvolvimento

Até o fim da gestão, Governo da Paraíba deverá ter investido cerca de R\$ 700 milhões na construção de estradas

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

A estrada é, por excelência, um indutor do desenvolvimento econômico, social e político de uma região. Elas ligam cidades e contribuem para impulsionar a economia, o turismo, facilitam o deslocamento da população. Na Paraíba, a malha rodoviária possui quase seis mil quilômetros e não há mais nenhum município isolado. Mesmo assim, o Governo do Estado deve investir, até o final da gestão, R\$ 700 milhões em construção de rodovias. Só em acessos a pequenas comunidades, são cerca de R\$ 20 milhões.

O governador João Azevêdo, conforme Carlos Pereira, superintendente do Departamento de Estradas de Rodagem na Paraíba (DER-PB), é muito ligado no tema de estradas, porque é engenheiro e sempre trabalhou como secretário de Infraestrutura. "Ele quer melhorar a malha rodoviária da Paraíba e tem dado ao DER todas as condições de recursos fi-

nanceiros e humanos para que isso se torne uma realidade", assegurou.

Para Pereira, quando uma cidade isolada ganha uma estrada, ela muda sua feição e as pessoas se sentem muito mais valorizadas. "Não faz muito tempo, a Paraíba passou a figurar no mapa do Brasil como um dos estados que tinha todas as suas cidades ligadas por asfalto", comentou.

Essa nova realidade que vem se desenhando no Estado dá, segundo ele, poder político a cada município beneficiado, orgulhando seus habitantes. A população de cidades como Poço José de Moura, no Sertão, e tantas outras que estavam isoladas, passou a se sentir incluída. "A ligação deu uma qualidade de vida melhor e um sentimento de igualdade", destacou.

As consequências da falta de estrada ou de rodovias sem manutenção podem ser graves. "Quando uma ambulância não tem condições de chegar à cidade, uma ou várias vidas são



Foto: Secom-PB

Obras na malha viária têm sido prioridade para o governador João Azevêdo

ceifadas por não contarem com uma assistência médica oportuna e necessária", enfatizou Carlos Pereira.

Do ponto de vista social, a estrada permite a estudantes recorrerem a centros maiores, viajando diariamente para concluir os estudos, e a educação sai no lucro. "Há vários exemplos de pessoas que moravam em centros pequenos no Sertão, em São João do Rio do Peixe, Santa Helena, perto de

Cajazeiras, onde já tinha universidade, e se deslocavam diariamente para Cajazeiras para assistir aula", contou.

Normalmente, de acordo com o superintendente, seria impossível um aluno carente, de uma cidade com poucos recursos, sem estrada, fazer um curso superior: "Isso foi resolvido quando Cajazeiras foi ligada a todas as outras cidades da região através de rodovias pavimentadas", comemorou.

+ Caminhos que mostram os potenciais turísticos

Em relação ao turismo, as estradas contribuem para desenvolver o turismo local, gerando empregos e novos negócios da comunidade local, mas fez um alerta: "Que esse turismo não seja predatório, que preserve a natureza, a história da localidade".

A observação é de Lilian Arruda Marques, supervisora técnica do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), na Paraíba.

Para ela, a construção de estradas ajuda no desenvolvimento regional, melhora as condições para transporte de mercadorias. Ela também destacou a importância de manter as estradas em boas condições. "Isso evita acidentes, que saem caro para a saúde e na perda de vidas", constatou.

Essas obras, na opinião de Lilian, devem estar incorporadas a um plano estratégico de desenvolvimento regional, junto com outras iniciativas, como construção de escolas, hospitais, investimentos públicos que levem desenvolvimento a essas cidades.

Leia mais na Página 6

ESTREIA
DIA 09/09
ÀS 13H NA
TABAJARA FM
105,5

COM A
LÍNGUA
SOLTA

TRANSMISSÕES
AO VIVO ((••))
RADIOTABAJARA

Suzy
Lopes

Bia
Fernandes

Rosa
Aguilar

Ana
Adelaide Peixoto



© LENINBRAZ / MKTEPC | JOAO LIRA

Governo investe em acesso para pequenos municípios

Programa 'Estradas da Cidadania' já conta com sete projetos que vão incrementar setor econômico das cidades

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

O programa 'Estradas da Cidadania' prioriza a construção de novos acessos na Paraíba. Considerando que os 223 municípios têm ligação por asfalto, o governador João Azevêdo começou a olhar para comunidades menores que, embora não sejam grandes centros econômicos, políticos e sociais, não são sede dos municípios, têm uma população considerável, com cinco mil a dez mil habitantes.

Quando muito, essas cidades têm um caminho, uma estradinha de terra e muita coisa que se produz lá se perde. Por isso, o governador lançou o programa e já entregou ao DER a relação das comunidades que serão beneficiadas. Para se ter uma ideia, são



Foto: Evandro Pereira

Carlos Pereira, superintendente do DER, afirma que programa deve continuar

sete acessos a comunidades já definidos e que vão utilizar cerca de R\$ 20 milhões, uma verba específica para esse programa. Dos projetos, um está licitado, outros estão em licitação e outros estão sendo elaborados.

Há uma possibilidade de ordem de serviço para construção de quatro delas durante o mês de setembro. Para as

outras, será dada ordem de serviço na medida em que os projetos estiverem prontos e as obras forem licitadas. "É um grande programa e não vai parar nessas sete. O governo vai investir mais nos próximos anos e, com isso, estender a malha rodoviária do Estado, beneficiando mais paraibanos", afirmou o superintendente do DER, Carlos Pereira.

CONFIRA OS 7 ACESSOS PRIORIZADOS

■ **Entroncamento da BR-230 para Nazaré** - Estrada que vai ligar Nazaré, uma comunidade importante do município de Pocinhos, à BR-230, cujo valor é de mais de R\$ 3 milhões. São 5,5 quilômetros.

■ **Ligação do distrito de Malhada da Roça no entroncamento para a BR-412**, com 3 quilômetros, em São João do Cariri. A obra vai demandar recurso na ordem de R\$ 2,8 milhões. A licitação está em fase de conclusão.

■ Há ainda a comunidade de São Tomé, distrito de Alagoa Nova, que liga a PB-097, uma boa produtora de leite e derivados que está também isolada. A ligação de 5 quilômetros vai custar cerca de R\$ 3 milhões e já está licitada.

■ Das outras quatro obras previstas, uma está em licitação, que é São Francisco, ligando a Ramada, perto de Sousa. Vai custar R\$ 2,8 milhões e está em licitação.

■ Até 10 de setembro deve ser colocada em licitação a obra que fará a ligação de Remígio ao distrito de Cepilho. O investimento será de R\$ 3,3 milhões.

■ Em Pitombeira, que pertence ao município de Santana dos Garrotes, a obra tem 4,5 km de extensão. O projeto está em elaboração e o custo será de R\$ 3,2 milhões.

■ **Renascença** é uma comunidade que liga a PB-41, em Sapé. O projeto está em elaboração e tem 3,4 km. O valor estimado é de R\$ 2,6 milhões.

Fonte: DER-PB



Estradas dão nova vida para populações do Estado

Nas cidades que possuem um potencial econômico maior, a importância da estrada aumenta, conforme observou o economista Rafael Bernardino. O investimento na abertura e manutenção, segundo ele, melhora a mobilidade urbana, que amplia as perspectivas para o surgimento de novos povoados e para o aumento especialmente da produção agrícola.

"Uma cidade do interior que se beneficia de uma nova estrada com certeza vai ter uma nova motivação para o trabalho, inclusive porque o investimento na nova estrada deve ser complementado com uma orientação para despertar na população o desejo de

empreender e progredir. A estrada dá nova vida para a cidade", disse.

Sair do isolamento aumenta a chance de uma cidade ser visitada por novos distribuidores, com novas ofertas de produtos, maior perspectiva de melhorar o perfil de consumo dos habitantes, além de estimular a produção interna. Bernardino destacou ainda que a melhoria dos acessos, novas estradas, estimula o aumento do transporte, estimula o comércio de bens e serviços produzidos localmente, além de aumentar a importação de produtos, gerando emprego.

"A contribuição de novas estradas é diretamente proporcional à quantidade de habitantes da cidade e ao potencial de recursos naturais que podem existir nesses locais. Quanto maior for o potencial de produção, em função do potencial local, maior será o potencial econômico a ser explorado", completou.

Manutenção

Na Paraíba, há estradas construídas há mais de 30 anos e, conforme o superintendente do DER-PB, Carlos Pereira, estudos realizados na área apontam que a vida útil desse tipo de empreendimento é de 15 a 20 anos. Portanto, além de construir e pavimentar

novas estradas, é preciso mantê-las em boas condições.

A manutenção depende também das condições climáticas. No período chuvoso de cada região, as obras são praticamente suspensas. "Eu não posso fazer agora, aqui no Litoral ainda, em setembro, embora as chuvas estejam mais reduzidas, o que eu faria no Sertão, onde as chuvas já desapareceram desde abril, maio". Para isso, o DER-PB possui um plano de manutenção quinzenal considerando a situação climatológica.

Por isso, o governador João Azevêdo tem investido na manutenção rotineira, com roço, capina, desobstrução de bueiros, tapando buraco e também restaurando estradas. Atualmente, o foco são as PBs 293 e 323, na região de Catolé do Rocha, Brejo do Cruz, São Bento, que têm cerca de 50 anos de construção.

No final da administração, ele garantiu que a Paraíba terá uma malha rodoviária acrescida de boas estradas, principalmente moderna, a ponto de se definir como uma das melhores do Nordeste. "Nós estamos cuidando não somente de construir e pavimentar, mas também de conservar, manter e restaurar estradas que o próprio tempo se encarregou de desgastar", completou.

Estimulando a economia

O recurso para a construção de uma estrada volta rapidamente em forma de atendimento à população também do ponto de vista econômico. No município de Matinhas, por exemplo, antes que a estrada chegasse, parte da produção local de tangerina e laranja-cravo era perdida. Por falta da estrada ou pelas péssimas condições da que existia, o produtor não conseguia levar os produtos para vender em Campina Grande, o centro mais próximo, ou mandar para outros estados. O problema acabou com a pavimentação da estrada que liga Alagoa Nova a Matinhas.

"A estrada é um ponto importante para o erguimento da economia de uma cidade; do ponto de vista político, da valorização do elemento humano e, do ponto de vista social é o atendimento da população naquilo que ela mais precisa: saúde, educação e a possibilidade de se interligar com outros municípios através de uma estrada em boas condições", afirmou Carlos Pereira.

Sustentabilidade

De um modo geral, segundo ele, os governos investem na malha rodoviária, abrindo estradas e melhorando as existentes porque sabem que uma logística de transporte suficiente pode assegurar sustentabilidade ao crescimento econômico e social. Isso, na avaliação do superintendente, proporciona solidez suficiente para fomentar geração de emprego e renda, imprescindíveis à melhoria da qualidade de vida dos paraibanos e ao combate à desigualdade social.



A abertura de estradas, afirma o economista Rafael Bernardino, oferece mais oportunidades

Consumo de cigarro e bebida alcoólica cresce na pandemia

Sentimentos de ansiedade e tristeza levam muitas pessoas a buscarem conforto em hábitos que podem ser nocivos



Sara Gomes
saragomesilva@gmail.com

A necessidade de distanciamento social imposta pela pandemia da covid-19 acentuou o consumo de álcool e tabaco neste período. Em meio a ansiedades, medos e incertezas, Rebeca R. cabe nas estatísticas que indicam o aumento destas drogas lícitas durante este período. “No começo da pandemia comprei um maço de cigarro [10 cartelas] mas acabou antes de um mês. Eu sempre fumei muito, mas quando estou nervosa, estressada ou triste, fumo bem mais do que o habitual para tentar saciar a angústia que estou sentindo”, afirmou ela, que tem 23 anos e sofreu os maiores picos de ansiedade no início da pandemia, mas, atualmente, tem tentado diminuir o consumo de cigarro por dia.

De acordo com a pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), a ConVid, 18% dos entrevistados aumentaram o consumo de bebida alcoólica durante a pandemia, principalmente, na faixa etária de 30 a 39 anos. Em relação aos fumantes, 22,5% dos entrevistados aumentaram o consumo para dez cigarros por dia e 5,1% consumindo a partir de 20 unidades.

Por outro lado, 12,1% afirmam ter diminuído o consumo nessa pandemia. A pesquisa constatou também uma mudança no estado de ânimo durante a pandemia; provocando uma maior ansiedade e sentimento de tristeza nas pessoas. Esta pesquisa de comportamento, divulgada em maio de 2020, consultou 44.062 pessoas através de um questionário online.

“Observo que o bombardeio de notícias, a perda de pessoas próximas por covid-19 e o medo de contrair a doença têm provocado um sentimento de angústia”

Mesmo sabendo que os fumantes fazem parte o grupo de risco para a covid-19, Rebeca diz que nem sempre é possível controlar o vício. “Quando mais nervosa eu fico mais eu fumo, ansiolítico não funciona mais para mim. Até tomo remédio para dormir ou ficar mais tranquila, mas a vontade de fumar permanece porque além da ansiedade, o organismo sente falta da nicotina. E já manda o recado: Será que você não está precisando de um cigarro?”, pontuou.

Na avaliação de Eliane de Oliveira, psicóloga e coordenadora do Grupo de Apoio Terapêutico Anti-Tabagismo da Policlínica Municipal Jaguaribe, os pacientes têm aumentado o número de cigarros devido à conjuntura do distanciamento social. “Tenho observado através do atendimento on-line que o bombardeio de notícias, a perda de pessoas próximas por covid-19 e o medo de contrair a doença têm provocado um sentimento de angústia nos pacientes, atrelado ao fato que o fumante tem maior predisposição de desenvolver a versão mais grave da doença, segundo pesquisas”, frisou.

A dependência tabagista é desenvolvida em

três dimensões: a dependência física, psicológica e às associações comportamentais. “Nosso papel é ajudar o paciente a se perceber nesse contexto, trabalhando a autorresponsabilidade diante do tratamento e a identificação dos gatilhos relacionados à associação comportamental - a exemplo de cigarros fumados sem ter uma necessidade física. É aí onde entra o trabalho do psicólogo em paralelo à medicação, se for o caso”, explicou a coordenadora.

Em relação à dependência alcoólica, o coordenador do comitê de arquivos históricos dos Alcoólicos Anônimos da Paraíba, J. Manuel, avalia que ocorreu uma redução de 50% na participação das reuniões on-line dos membros da irmandade em razão da pandemia. Por outro lado, aumentou a procura de mulheres neste período. “Temos em média 60 grupos presenciais na Região Metropolitana de João Pessoa, mas apenas 6 a 8 grupos estão atendendo on-line. Em relação às mulheres, a garantia do anonimato impulsionou a busca por ajuda já que nas reuniões on-line, existe a opção de participar da reunião sem expor a imagem”, opinou.

Foto: Arquivo Pessoal



Para a psicóloga Eliane de Oliveira, a pandemia incentiva o tabagismo



Foto: Roberto Guedes



Sebastião Costa: se o novo coronavírus causa danos em pulmões saudáveis, imagine nos que não são

Covid e os riscos para tabagistas

Em tempos de pandemia, conscientizar a população sobre os malefícios do cigarro nunca se fez tão necessário, tendo em vista que a nicotina é uma substância ansiolítica e antidepressiva, mas que traz malefícios à saúde.

O pneumologista Sebastião Costa, especialista no combate ao tabagismo, alerta os fumantes para terem cuidado redobrado durante a pandemia pois além do risco de serem menos chance de sobreviver, caso contraiam a doença, há uma probabilidade maior de sequelas pós-covid-19.

“Um estudo japonês revela que metade das pessoas que contrairam covid-19 desenvolveram uma dispneia como seqüela. Se o novo

coronavírus é altamente agressivo no pulmão de uma pessoa não fumante, imagine se isso acontece em um pulmão fragilizado com a ação de 4.760 substâncias? Em que os brônquios também estão danificados? Uma pneumonia por covid-19 torna-se muito mais complexa”, alertou.

Ele afirmou ainda que apesar de todos estes riscos expostos diariamente, o fumante parece não ter consciência da gravidade da situação.

“Os fumantes são considerados o maior grupo de risco. Recomendo a eles que reduzam a quantidade de cigarro por dia e que procurem ajuda em grupos de apoio. Tendo uma ótima oportunidade de mudar de vida” ressaltou.

Pneumologista alerta os fumantes para terem cuidado redobrado durante a pandemia, pois a chance de sobreviver é menor

PARA SE AJUDAR

■ Tabagismo

O Grupo de Apoio Terapêutico Anti-Tabagismo funciona na Policlínica Municipal Jaguaribe desde 2008. A cada trimestre, é formado um grupo com cerca de 15 pessoas que são atendidas por uma equipe multiprofissional, com psicólogo, médico e nutricionista. Qualquer pessoa interessada em parar de fumar pode participar das reuniões. Basta se inscrever presencialmente na policlínica. Inicialmente, a pessoa passa por uma entrevista individual de acolhimento e, posteriormente, é integrada ao grupo. O retorno gradativo das reuniões presenciais está previsto para setembro.

■ Alcoolismo

Para conhecer o Alcoólicos Anônimos em João Pessoa, basta entrar em contato com a coordenação através do número (83) 98658-4556, onde a pessoa interessada será redirecionada para as reuniões do A.A online. Para mais informações da Irmandade, acesse o site oficial <https://www.aa.org.br/>





Fotos: Roberto Guedes



Com forte tendência ao turismo histórico, o município tem preservado e restaurado seu patrimônio, mas também investe no novo, apostando nas suas belezas naturais. Nas fotos, o portal de entrada, o Marco Zero e a Igreja Santa Rita de Cássia

“Bienvenue” a Pitimbu, o Porto dos Franceses na PB

Município com maior costa litorânea do Estado resgata história ligada à França para atrair turistas europeus

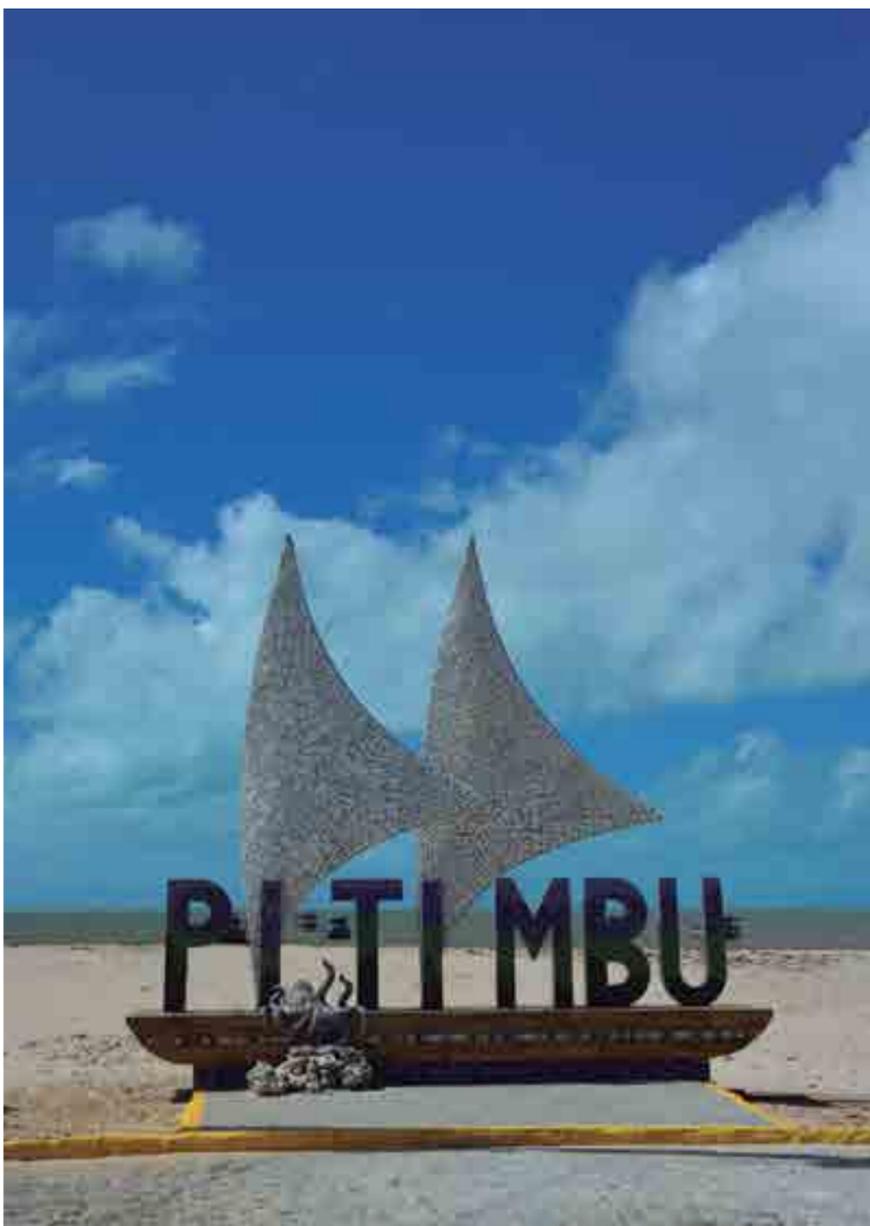
Teresa Duarte
teresaduarte2@hotmail.com

Aos amantes da natureza que procuram relaxar apreciando o cheiro da mata verde e um banho de mar em águas limpas e cristalinas, o cenário único é no município de Pitimbu, Litoral Sul da Paraíba. Distante apenas 65 quilômetros da capital João Pessoa, o município possui a maior orla de todo o Litoral paraibano, com 26 quilômetros de faixa de areia, 13 praias e quatro estuários, onde os turistas podem desfrutar das piscinas naturais, fazer passeios de quadriciclo por praias isoladas e caminhar por mirantes sobre falésias avermelhadas.

Pitimbu conta com uma orla diferenciada de todas as praias que fazem sucesso no Nordeste, a exemplo de Maragogi, Pipa, Porto de Galinhas, entre outras. Conforme o prefeito do município, Leonardo Barbalho, existe um projeto da arquiteta e consultora Fernanda Melo, que visa resgatar as origens do município. “Antigamente, o município de Pitimbu se chamava Porto dos Franceses, onde os franceses aportavam na praia. Então, nós estamos reconstruindo a história, projetando uma orla voltada à cultura francesa”, revelou.

De acordo com o prefeito, no projeto arquitetônico tem um grande diferencial com chamamento para o turista da Europa, em estilo colonial puxado para a cultura francesa, construção dos quiosques em alvenaria e a iluminação terá detalhes arquitetônicos arredondados. A repaginação do local foi decisiva para a nova realidade do turismo na orla, fazendo com que o fluxo na movimentação tenha dobrado e a geração de emprego e renda triplicada, já que hoje os antigos barraqueiros são empreendedores. O processo de requalificação de Pitimbu foi iniciado em dezembro de 2018, através da prefeitura da cidade com apoio e orientação do Sebrae-PB.

Houve uma realocação das barracas que ficavam à margem do Rio Mucatu; fechamento da rua ao acesso de veículos e todos os proprietários dos quiosques, cozinheiros e garçons passaram por uma capacitação sobre atendimento, práticas culinárias e a criação de um prato-chefe. No último mês de agosto, a Prefeitura Municipal, por meio da Secretaria de Turismo e Meio Ambiente, inaugurou o novo complexo turístico chamado “Porto dos Franceses”. Trata-se de uma ampla praça de alimentação composta por lojinhas para a gastronomia e para o artesanato local. Essa requalificação dos espaços urbanos de Pitimbu faz parte do processo de melhoria da infraestrutura visando proporcionar mais conforto e atrair mais turistas para o município.



A vocação marítima está em toda parte. E não é à toa: Pitimbu tem a maior costa litorânea da Paraíba

+ Artesanato, arquitetura e história

O complexo turístico conta com oito lojas para comercialização de artesanatos que foram selecionados por tipologia, para que o turista possa comprar peças feitas com a quenga de coco, com a fibra da palha do coqueiro, com as escamas de peixe, com as conchas de mariscos, macramê, fuxicos, crochê e outros trabalhos manuais. O município também conta com a Reserva do Abiaí by Parrachos Clube Day use com passeios ecológicos, lugar perfeito que fica localizado em uma área muito bem preservada da Mata Atlântica, à beira do Rio Abiaí e também à beira-mar da Praia de Pitimbu.

É lá que você vai desfrutar de deliciosos passeios de barco, banhos em águas cristalinas e fazer trilha de 4x4 na reserva do Abiaí. O novo conceito de Day use é um empreendimento do grupo Asenza Beach Resort em parceria com o Parrachos Praia Clube, cujo objetivo é realizar o turismo com responsabilidade, mantendo a preservação do meio ambiente. Esse foi o motivo que levou o grupo a escolher a Fazenda Cabeça da Reserva do Abiaí, lugar repleto de riqueza natural, belíssimas paisagens, vegetação exuberante e fauna preservada, que abriga uma área de um milhão de metros quadrados com mata nativa.

Muito bem preservadas, Pitimbu conta

com as Igrejas Rosário dos Pretos, Nossa Senhora da Penha de França, Santa Rita de Cássia e a do Senhor do Bonfim. No centro da cidade, um dos pontos turísticos é o Sobrado dos Gondins, uma edificação construída no início do século passado, que foi a casa de verão da família Gonçalves Gondim, dona das terras onde nasceu a cidade. Conforme o escritor Coriolano de Medeiros, em seu Dicionário Corográfico da Paraíba, Pitimbu significa em linguagem indígena ‘Olho D’água do Fumo’. Primitivamente, Pitimbu era conhecido como Porto dos Franceses e chegou a alcançar grande prosperidade.

A Colônia Pitimbu recebeu muitas visitas de estrangeiros interessados na troca do pau-brasil com os índios. Naquela época, o local ficou conhecido como Porto dos Franceses porque esse povo atracava embarcações para negociar com índios. Os franceses foram os primeiros frequentadores. Depois chegaram os portugueses. Alguns historiadores acreditam na possibilidade de o município de Pitimbu ser mais antigo que a própria capital, pela existência de várias aldeias de índios Tabajaras ao sul do Cabo Branco. Uma visão geral da beleza natural de Pitimbu pode ser vista do Mirante Senhor do Bonfim.



Visão panorâmica da cidade, com a beleza da faixa de areia e o oceano



Igrejas bem conservadas, como a do Senhor do Bonfim, encantam turistas



O Sobrado dos Gondins revela época de opulência e elegância arquitetônica



Igreja de Nossa S. da Penha de França: local de visitação turística e religiosa



As belas praias do município de Pitimbu atraem turistas do mundo inteiro

Na rodada de hoje do Brasileirão, São Paulo busca reabilitação contra o Fluminense no Morumbi, o líder Internacional em ação contra o Bahia, no Beira Rio, e Vasco recebe Athletico-PR. [Página 12](#)



Foto: R. Chiri/saopaulofc.net

João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 6 de setembro de 2020

A UNIÃO 9



Foto: Divulgação/EPC

Da esq. para dir.: a atriz Suzy Lopes, as jornalistas Bia Fernandes e Rosa Aguiar, e a escritora Ana Adelaide Peixoto vão apresentar o programa todas as quartas-feiras, abordando temas como a pandemia, violência contra a mulher e outros assuntos pertinentes ao universo feminino

Programa da Rádio Tabajara traz vozes do mundo feminino

Nesta semana, estreia na 105.FM 'Com a Língua Solta', que vai abordar os mais diversos assuntos

Guilherme Cabral
guipb_jornalista@hotmail.com

Um programa ao vivo com vozes femininas que pretende abordar os mais diversos assuntos. É por isso que a nova atração na grade da Rádio Tabajara FM 105,5 se chama *Com a Língua Solta*. Sua estreia acontece nesta semana, na próxima quarta-feira, a partir das 13h, com apresentação das jornalistas Bia Fernandes e Rosa Aguiar, a escritora e professora Ana Adelaide Peixoto e a atriz Suzy Lopes.

Com uma hora de duração, a periodicidade será semanal e o público poderá participar através de comentários nos perfis oficiais do Facebook e do Instagram da emissora, que é vinculada à Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), do Governo do Estado.

"Penso que só vale a pena um programa de rádio em que se possa falar sobre tudo", disse Bia Fernandes, que escolheu o título da nova atração da Tabajara. Ela contou que tem a anuência da presidente da EPC, Naná Garcez. "Serão quatro mulheres maduras, experientes, que vão falar com bom senso. Garanto o nível de qualidade. Naná soube que eu já havia apresentado um programa e me disse que a grade da Tabajara precisava de um outro programa feminino", explicou a jornalista.

Fernandes comentou que a ideia do conteúdo surgiu depois. "Naná Garcez indicou a atriz Suzy Lopes e eu convidei a jornalista Rosa Aguiar e a escritora Ana Adelaide Peixoto. Formei a equipe, mas não sabíamos o que fazer com o programa

/// Serão quatro mulheres que vão debater entre si, com convidados que falarão sobre assuntos que permeiam não apenas o universo feminino, mas também o masculino ///

ma. Não pode ser mais do mesmo. Pensamos em abordar temas como a solidão, a terceira idade e o divórcio, entre outros. Serão quatro mulheres que vão debater entre si, com convidados que falarão sobre assuntos que permeiam não apenas o universo feminino, mas também o masculino. O ouvinte vai se deleitar com bons entrevistados", afirmou ela, antecipando que o segundo programa continuará abordando a pandemia e a violência contra a mulher.

"Eu e Rosa Aguiar ouvimos e vamos apresentar o programa do estúdio, usando máscaras e dentro de todo o protocolo de segurança, mas Ana Adelaide Peixoto e Suzy Lopes preferiram participar de suas casas, e nós respeitamos, até quando a situação se normalizar", afirmou Bia Fernandes. "Futrica política não vamos deixar entrar. Política partidária jamais entrará, a não ser que discuta cotas para as mulheres, ou importante política pública para o público feminino. Pensamos em debater outros temas, como a tecnologia e as dificuldades das pessoas maduras em lidar com ela em suas vidas. E assunto policial também vai entrar, caso seja refe-

rente a temas como feminicídio e violência contra as crianças", disse ela.

Bia antecipou o conteúdo de estreia do *Com a Língua Solta*. "Serão sempre dois blocos em cada programa. No primeiro, como não poderia deixar de ser, o tema será a pandemia da covid-19. O convidado é o psicólogo pernambucano, radicado na Paraíba há mais de 30 anos, Nelson Barros, que falará sobre sua experiência vivida no consultório. Ele dará um panorama do que percebeu nas pessoas quanto ao estado de espírito em relação à pandemia, se houve depressão no recolhimento em casa, ou se também conseguiram se superar com novos hábitos", revelou a jornalista. "O segundo bloco será com o artista plástico paraibano Flávio Tavares, um

dos expoentes no Brasil e internacionalmente. Ele vai relatar sobre o seu diário da quarentena, onde tem produzido quadros belíssimos e como vem se superando, neste momento, através da arte e do seu talento".

A escritora Ana Adelaide Peixoto, confessou estar ansiosa com a estreia porque será a primeira experiência desse tipo que viverá. "O ouvinte de rádio é um público que nunca teve conexão, pois até então só tinha falado aos leitores de suas crônicas publicadas no *Jornal A União*", apontou ela, que pretende falar, durante a transmissão, de sua experiência pessoal com o isolamento social, que a fez adiar uma viagem para a Itália marcada para o mês de abril e que já estava organizada um ano antes, além da atual

conjuntura em que o Brasil vive. "Esse programa é importante porque objetiva ser um espaço para que a mulher tenha voz", pontuou Ana Adelaide.

A jornalista Rosa Aguiar também destacou a relevância do *Com a Língua Solta*. "Vai ser uma oportunidade muito boa para que as mulheres tenham mais voz no rádio, emitindo suas opiniões. É algo muito bacana. Todas nós somos muito envolvidas na vida e opiniões, que defendem suas posturas. Deveremos falar de nossa vivência nesta pandemia e sobre o que acontece a nossa volta. É um conteúdo rico", afirmou ela.

Assim como Ana Adelaide Peixoto, a atriz Suzy Lopes também é outra apresentadora que está ansiosa em participar do programa,

pois será sua primeira experiência em rádio. "Estou muito feliz e muito honrada em estar ao lado de três mulheres incríveis. O programa é importante e é legal porque também vai abordar temas diversos e poderemos trocar experiências entre mulheres de quatro gerações diferentes. Eu estou muito mais para aprender com elas", disse a artista.



Através do QR Code acima, acesse o site oficial da Rádio Tabajara

+ Emissora sempre abriu espaço para causa feminista

A mulher já vem conquistando terreno, ao longo dos anos, e a estreia do programa *Com a Língua Solta* é mais um exemplo desse avanço. É assim que entende a jornalista Rosa Aguiar, ao ressaltar que a nova atração da Rádio Tabajara FM 105,5 "é um espaço fundamental, uma iniciativa muito criativa e democrática". Embora tenha admitido que as mulheres já obtiveram muitas vitórias, garantiu que ainda precisam continuar lutando por seus direitos na sociedade. "Quando a mulher é jovem, é assediada. Se envelhece, é alvo de preconceito", exemplificou.

Bia Fernandes, que já apresentou durante três anos, de 1994 a 1997, na Tabajara, o programa *Palavra de Mulher*, também lembrou que a Lei Maria da Penha e a cota na política são algumas das conquistas obtidas pelas mulheres.

Ela acredita que a nova atração da emissora é outro exemplo, por dar voz às mulheres. "Sabemos que, com esse novo programa, vamos pautar muitas emissoras e nos orgulhamos disso, pois a percepção da mulher é mais impregnada de sensibilidade e abrangência", afirmou ela.

Bia Fernandes lembrou que a Tabajara já demonstrava apreço

pela causa feminista quando incluiu na grade o programa *Palavra de Mulher*. "A emissora sempre abriu esse espaço, fazendo a diferença. Naquela época, no século 20, levei ao programa uma coveira e uma mecânica que sabia desmontar e montar novamente um motor de caminhão, que até então eram profissões exercidas mais pelos homens".

Foto: Divulgação/EPC



Quarteto de 'Com a Língua Solta': novo programa "é um espaço fundamental, uma iniciativa muito criativa e democrática"

Domenec Torrent

Começo a coluna falando sobre futebol. A torcida do Flamengo costuma ter paciência curta e está muito bem acostumada com a vitória, sobretudo depois de 2019 ter sido um dos anos mais fantásticos da história do clube. A equipe que era comandada pelo português Jorge Jesus venceu a Copa Libertadores e o Campeonato Brasileiro no mesmo ano, um feito que só o Santos de Pelé conseguiu. Bateu o recorde de pontuação da história do Campeonato Brasileiro no formato de pontos corridos, jogando o “fino da bola”.

Fazia muito tempo que não se via por aqui uma equipe jogar um futebol tão bonito e eficiente como a equipe do Flamengo. A disparidade em relação aos outros times foi enorme. O Flamengo venceu o Campeonato Nacional com “o pé nas costas”, como se diz popularmente. Tudo parecia muito fácil para um time que jogava por música e arrasava os adversários com uma potência avassaladora. Daí veio 2020 e as vitórias continuaram a acontecer, o time ganhou a Recopa Sul-Americana, a Supercopa do Brasil e o Campeonato Carioca. Tudo isso na primeira metade do ano.

Em junho, Jorge Jesus recebeu um convite para assumir o comando do Benfica. Era a oportunidade que ele esperava de voltar ao seu país natal, reencontrar a sua família, dirigir a sua “equipa” do coração, ganhando um salário maior do que recebia no Rio e fugir de uma pandemia descontrolada que ainda aflige cruelmente o Brasil. Não deu outra.

O catalão Domenec Torrent foi o escolhido para substituir Jorge Jesus. Sua chegada ao país vem sendo marcada por sentimentos contraditórios de desconfiança e expectativa elevada dos torcedores em relação ao sucesso de seu trabalho. Até a última semana havia muitos que apostavam que a sua demissão aconteceria de maneira precoce, devido aos maus resultados que a equipe acumulou sob o seu comando. A goleada por 5 x 3 contra o Bahia em Salvador, no entanto, parece ter diminuído um pouco o ímpeto dos torcedores e pode sacramentar um ponto de virada nessa história.

Domenec Torrent chegou ao país com a “grife Guardiola” no currículo. Ele foi auxiliar técnico do treinador Pepe Guardiola, um dos maiores de todos os tempos, acompanhando-o por grandes clubes europeus como Barcelona, Bayern de Munique e Manchester City. É natural que uma parte da torcida acreditasse que o Flamengo teria contratado “o próprio Guardiola” e que uma outra parte o considerasse um estagiário dirigindo uma grande corporação multinacional.

Nem oito, nem oitenta. Nem o céu, nem o inferno. Falta, sim, a Domenec Torrent a experiência de ter sido o treinado principal em um grande clube mundial. O que justificaria a desconfiança

em relação a sua capacidade nesta função. Antes de dirigir o Flamengo, ele treinou equipes pequenas da Espanha e o New York City FC, time que disputou o fraquíssimo campeonato de futebol dos Estados Unidos (MLS). Uma competição onde se pratica um “esporte parecido com o futebol”.

Por outro lado, podemos supor que ninguém é auxiliar de Guardiola por muito tempo sem ter um bom conhecimento de futebol. Torrent é privilegiado por ter vivido grandes momentos com Guardiola e por ter aprendido muito com ele. É provável que ele dê certo no Flamengo, desde que ele não jogue fora alguns fatores que levaram a equipe rubro-negra a ser tão dominante no ano passado.

Ele chegou ao Flamengo prometendo manter as coisas que deram certo no esquema de Jorge Jesus, e fazer mudanças gradativas para dar aos poucos a sua própria cara ao time. Isso não aconteceu como o prometido, o que levou a uma certa desorganização tática da equipe. Aliado a isso, os jogadores voltaram muito abaixo fisicamente depois das finais do Carioca.

Certos aspectos da postura do time dentro de campo deixaram os torcedores com a pulga atrás da orelha em relação ao catalão: a apatia dos jogadores, a falta de entendimento tático dos atletas e adoção de um jogo mais reativo em relação ao que a equipe estava acostumada. Uma das características mais marcantes do time de Jorge Jesus era jogar em alta intensidade os 90 minutos, de maneira organizada, compactada e em busca do gol. Um time que valorizava a posse de bola, mas que era bastante agudo, construindo soluções para finalizações ao gol. Uma equipe que jogava a maior parte da partida dentro do campo adversário, adiantando as linhas e pressionado a saída da bola.

Até o jogo contra o Bahia o time tinha feito muito pouco isso. Não se sabe ao certo se por uma questão de orientação do treinador ou se por causa da condição física dos atletas. O certo é que Domenec por mais que venha de uma escola que preza a posse de bola e o ataque, à maneira de Jorge Jesus, tem suas particularidades (como o jogo posicional) e quer que essas sejam incorporadas à equipe. Desde o início do trabalho ele vem apostando num esquema tático que privilegia o jogo com 2 pontas abertos pelas extremidades do campo (4-3-3), enquanto o time vitorioso de Jorge Jesus jogava quase sempre num 4-4-2 com 2 meias (Arrascaeta e Éverton Ribeiro, os jogadores mais cerebrais da equipe).

O mais importante, a meu ver, é que os esquemas táticos se adaptem e potencializem o melhor dos jogadores. Se Domenec Torrent se guiar por esse princípio, os seus conhecimentos ao lado de Guardiola e a vontade de vencer como técnico o ajudarão a recolocar o Flamengo no rumo das grandes conquistas.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Feliz Ano Velho, 1980

Batidas no portão da nossa casa. Era um homem velho, avisando que o cachorro estava na rua. Ele só usava uma sandália, faltava a do outro pé. Naquele instante lembrei de Marcelo Rubens Paiva. Eu era jovem e o escritor e dramaturgo lançava *Feliz Ano Velho* (publicado em 1982), que conta a história de um ano “velho” em que ele foi feliz, não especificamente 1980.

Marcelo tinha 20 anos, morava em São Paulo, sobe em uma pedra e mergulha numa lagoa imitando Tio Patinhas. Eu adorava a piscina do Tio Patinhas, cheia de moedas de ouro. O mergulho de Marcelo estroçalhou uma vértebra e o fez perder os movimentos do corpo. Acontece? Tudo na vida acontece.

Escrito com sentido de urgência, o livro naquela época trazia as mudanças irreversíveis na vida do rapaz. Ele começa uma guerra para conquistar pequenas reações do corpo, e nada. Aos poucos, se deu conta que precisava lutar mais. Estamos sempre lutando, seja pelo pão ou pelo remédio. Talvez por isso, eu tenha lembrado de Marcelo, quando o homem velho bateu no portão, para avisar que o nosso cachorro estava na rua.

Feliz Ano Velho expressa a irreverência e a determinação da juventude dos anos 80, mesmo na adversidade, e a compreensão precoce “de que o futuro é uma quantidade infinita de incertezas”. O futuro não existe. Marcelo continua feliz em sua cadeira de rodas. Seu livro virou peça sob a direção de Paulo Betti e também filme, dirigido por Roberto Gervitz. Ganhou os prêmios Jabuti e Moinho Santista.

O texto não metaforiza um desespero a partir de imagens de uma queda, confundindo as sensações de quem tem a vida pela frente e sofre os efeitos de uma “tração”. A vida trai muito a gente. Naquele tempo, “todo mundo” leu *Feliz Ano Velho* e eu sempre digo no final de cada ano: Feliz ano velho, nunca feliz ano novo. Infeliz ano velho?

Não estacione no tempo. A obsessão por resultados, é uma loucura. Desenvolvimento acima de tudo é chavão. Dançar conforme a música, é uma merda. Submeter-se às circunstâncias, é uma pancada. Conformar-se com o inevitável não é fácil. Achar que os fins justificam os meios é muita bobagem.

Achar que Deus dá o frio conforme o cobertor é papo furado e papo furado é careta. Pensar que Deus ajuda quem cedo madruga, nem pensar. Imaginar que o prazer é uma compensação pelo trabalho, é balela. Tem que ser talentoso. Acreditar que o só o esforço valoriza a conquista é uma caretece sem tamanho. Dizer cada um com seus problemas, é foda. Cada um por si e Deus por todos, já foi. A caretece é uma doença e o remédio é desastrear-se. Mas aí é demais.

Nos anos 80 éramos jovens e felizes. Existia o medo, mas a gente não convivia com essa palavra. O erotismo era um brasão. Vivíamos lançados ao sol, mas o sol brilha por si.

Pedi licença ao velho que bateu no portão, tirei minhas havaianas dos pés e dei a ele. Isso não é caridade, não é caretece. É atitude. Um Feliz Ano Novo pode não estar perto. Uma pedra, um mergulho, uma etimologia e um tapa na cara. Raízes.

A etimologia é também uma ciência, um caso e uma previsão conveniente da memória. Por exemplo, o velho bateu no portão para avisar que o cão estava na rua. O cão lhe deu um par de sandálias? Por aí vão os mergulhos...

Kapetadas

1 - Eu já vou me sentir sobrevivente se conseguir assistir a retrospectiva 2020.

2 - Soube que a mulher do Goya era uma lambisgoya.

3 - Som na caixa: “Todo dia o Sol levanta, e a gente canta ao Sol de todo dia”, Caetano Veloso

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Economia social e dignidade humana

O Estado para exercer o bem comum deve organizar as instituições sobre as quais se desenvolverão as atividades econômicas. Nesse contexto, a atividade econômica deve obedecer à estrutura política de Estado a fim de priorizar a dignidade humana; a distribuição de renda; a estabilização do mercado financeiro; estimular a criação de empresas e o desenvolvimento econômico. No governo autoritário, a estrutura política está subordinada ao poder econômico, em algumas regiões esse poder se concentra no latifúndio por pertencer a uma única família uma grande extensão de terra para concentrar toda riqueza numa só pessoa. Outra forma de autoritarismo é o oligopólio, nesse sistema o poder econômico está subordinado às práticas desonestas de preços, que inviabiliza a participação de mercado de competidores mais vulneráveis. Temos outra subordinação do poder econômico que é o monopólio, nesse tipo de estrutura uma única empresa tem o controle sobre a venda de um produto, podendo, assim, definir os preços que desejar quando não existe concorrência. Encontramos no autoritarismo o poder das corporações estatais que impedem o desenvolvimento da economia criativa e a autonomia do cidadão enquanto empreendedor.

A atividade econômica está inserida nos estudos da Filosofia, Moral, Ética e nos princípios de justiça. Alguns desses estudos estão relacionados às Leis econômicas, a Lei da usura e ao conceito de preço justo. Temos encíclicas papais que aplicam a filosofia moral e cristã às relações econômicas entre homens e nações. As ciências também contribuem para a economia, por exemplo, a Geografia avalia aspectos úteis à análise econômica, entre esses temas: as condições geoeconômicas dos mercados; a concentração espacial dos fatores produtivos; a localização de empresas e a demografia econômica. Estudos estatísticos estão relacionados a composição setorial da atividade econômica, a economia regional e urbana. De forma breve e didática, a análise econômica é dividida em quatro áreas: a primeira é a formação de preços, essa teoria examina como consumidores e empresas interagem no mercado e como decidem os preços; a segunda é a macroe-



Chanceler alemão e democrata-cristão Adenauer

conomia, essa teoria estuda a determinação e o comportamento dos sócios agregados nacionais, como o produto interno bruto (PIB), o investimento, a poupança, o nível de preços, entre outros; a terceira é a macroeconômica, essa teoria analisa a economia internacional e as relações econômicas entre residentes e não residentes do país, que envolvem transações com bens e serviços; a quarta é o desenvolvimento econômico, essa teoria analisa a melhoria do padrão de vida da coletividade ao longo do tempo, seja o progresso tecnológico e as estratégias de crescimento.

A “economia social de mercado” teve sua origem na Alemanha Ocidental após a segunda guerra mundial e foi apresentada pelo chanceler alemão e democrata-cristão Konrad Hermann Joseph Adenauer (1876-1967). Ele implantou essa economia através da participação popular e dos partidos políticos de forma democrática a partir de 1949. As teses de Adenauer foram aplicadas como uma política de Estado, as mais coercitivas foram: de conduzir o povo alemão para a liberdade, igualdade e empreendedorismo; de firmar a paz social e otimismo na saúde financeira do Estado; de incentivar a unidade entre os estados e países vizinhos. Adenauer priorizou o desenvolvimento econômico e equilíbrio social, estimulou o consenso para impulsionar a economia de cooperação e harmonizou a relação entre sindicatos e patrões, de forma a dignificar o salário com a produtividade e os rendimentos dos trabalhadores. Adenauer criou acordos para manter os empregos e financiamentos

para investir na produção e na força de trabalho. Ele implantou a Lei que integra o trabalhador e a empresa em um único conselho de administração, no qual os sindicatos participaram das decisões estratégicas para as empresas. Nessa “economia social de mercado” o sistema financeiro prioriza a manutenção do emprego e da renda e se fortalece através da política de créditos das cooperativas e bancos públicos para os cidadãos e empresas.

Nos dias atuais, a economia criativa é uma das estratégias para salvar a economia social e a dignidade humana, essa economia é o conjunto de negócios organizados no capital intelectual e cultural que gera valor econômico e estimula a geração de renda. Nessa economia a criatividade é a única matéria-prima. As áreas mais atendidas são artes em geral, arquitetura, mídias, produtos manufaturados e serviços. A “economia social de mercado” e a economia criativa se fundamentam no princípio da proatividade para com a dignidade humana e o emprego e renda, seus fundamentos são: fortalecer e criar redes de empreendimentos; atender demandas de mercado; inovar; valorizar a identidade local; disseminar novos modelos de negócios; atrair investimentos em novos segmentos de mercado, gerando novas oportunidades de negócios; incentivar negócios e gerar inovações e diferenciais competitivos nas cadeias produtivas por meio da transversalidade; promover a educação para as competências criativas através da qualificação de profissionais capacitados para a criação e gestão de empreendimentos criativos; gerar conhecimento e disseminar informação sobre economia criativa; identificar vocações e oportunidades de desenvolvimento local regional; apoiar alavancagem da exportação de produtos criativos e a maior circulação e distribuição de bens e serviços criativos.

Sinta-se convidado para a audição do 283 Domingo Sinfônico, deste dia 6, das 22h às 0h. Baixe o aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Irei comentar o regente e compositor alemão Wilhelm Richard Wagner (1813-1883), que arrancou do povo alemão os interesses vulgares para com a vida e o educou ao culto a beleza a erudição.

Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador



Foto: Divulgação

Willem Dafoe revive o famoso pintor holandês Vincent Van Gogh no filme do cineasta Julien Schnabel

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertobarbosa@bol.com.br

A reforma do hospital

Minha Comarca das Pedras está de parabéns. É o que leio numa dessas plataformas das redes sociais. Parabéns, por quê?

Dizem que fizeram uma reforma no hospital. Fico perplexo! Se se faz reforma, isto quer dizer que o hospital, como uma dessas inúmeras edificações que existem por aí, mas não funcionam, estava como que paralisado, sem respirar, quase sem vida, como um doente terminal.

Aliás, escolas sucateadas e hospitais que não funcionam têm sido regra na maior parte das gestões públicas, quer municipais, quer estaduais, quer federais. Educação e saúde, que são direitos constitucionais do cidadão, nunca foram prioridades das políticas públicas. Neste tópico, governo e sociedade civil andam se desencontrando, faz muito tempo.

Nem careço de dados estatísticos para comprovar minhas afirmações. A covid-19 escancarou a porta da ineficiência e apontou para os filamentos do cinismo e da corrupção que alimentam os projetos dos que sempre, feitos aves de rapina, procuram desfrutar das benesses do poder.

Meu Deus! Nem em tempos de pandemia respeitam a nossa consciência e a nossa sensibilidade. Cidade que se preza teria de ter um hospital e muitas outras coisas funcionando adequadamente e em pleno vapor, desde seu nascimento. Fosse legislador, baixaria uma lei proibindo a criação de qualquer município que não tivesse hospital e escolas com plena capacidade de funcionamento.

Cidade que se respeita deve cuidar da saúde de seus habitantes como objetivo primeiro e fundamental. Se não se tem saúde, não se tem mais nada. Sem saúde ficam difíceis a educação, a moradia, a segurança, o emprego, a liberdade, o lazer, a vida e tantos outros direitos fundamentais que a lei maior elenca e garante.

Daí o meu espanto diante do fato em si e, em especial, do júbilo vivido por alguns em face das ações praticadas pelos representantes do poder público, como se fora um prêmio e não uma obrigação formal de rotina, a que não deve fugir uma gestão pública que tenha, de fato, no bem comum, seu lema e sua meta primordiais.

Governar é fazer; fazer funcionar a coisa pública; a coisa pública, que é do povo, e não do governo. Governar é tornar o caminho mais acessível ao usufruto dos direitos da cidadania, na medida em que a cidadania pressupõe comunidade, oportunidades iguais, senso de justiça, distribuição de renda e paz social.

Nasci aí, nessa terra que chamo de Comarca das Pedras, há 66 anos. Amo esse chão a meu modo, silente e contido, no meu verso e na minha vida, pois desse chão feito de cinzas e poeira, me alimentei e venho me alimentando tempos afora. Esteja perto ou distante de suas paragens mágicas ou reais. Dele precisei sair, mas a ele sempre voltei e volto. Tanto é assim que tenho uma casinha lá em riba da serra e de lá vejo coisas que gostaria que muitos vissem.

Há um céu limpo e vazio cobrindo o desamparo das criaturas; há as pedras, estas, sim, gestoras silenciosas da verdade e da perfeição, não importa a eterna falta de água que alucina os sonhos de vaqueiros e agricultores, moradores e criadores que labutam os ossos da terra. E há o emblema da paisagem, parda e deserta, na dureza dos verões; úmida e verde, no aconchego dos invernos. E há, ainda, compondo sua fisiografia, a dignidade dessa gente anônima e sofrida que habita seus hectares de solidão e esquecimento.

Venha dos sítios do Jucazim, dos vastos descampados da Chã Grande, dos solitários alcantis do Mirador, das soberbas sombras de Quatro Cantos, das grotas encantadas do Trapiá, da beira do rio Paraíba, do Uruçu, dos Pereiros, do Juá, enfim, das locas e furnas mais distantes, há o homem e sua prole a serem sempre lembrados, lembrados e respeitados, em todos os dias, aquém e além de quaisquer eleições.

Nada demais, a reforma do hospital!

‘No Portal da Eternidade’: um novo plasmar estético

Quem conhece a biografia do cineasta Julien Schnabel e assistiu ao seu filme *O Escafandro e a Borboleta*, premiado com Melhor Direção no Festival de Cannes de 2007, vai entender melhor o enlevo do realizador pela história de um dos pintores mais consagrados do mundo. Por isso mesmo, retratado em sua mais atual realização: *No Portal da Eternidade* (At *Eternity's Gate*), uma produção de 2018, que acabo de ver pelo streaming.

Mesmo sendo, como ele mesmo afirma ser, um judeu norte-americano, Schnabel (mas, com um “Julien” no nome bem à francesa) tem uma visível simpatia pelo cinema europeu. Seus dois últimos filmes ganham uma espécie de aura francesa – *Miral* (2010) e *No Portal da Eternidade*. Este, em particular, sobre Vincent van Gogh, que em semana recente completam 130 anos de sua morte.

Antes, porém, como afirmei no início, conhecendo-se melhor a biografia do diretor, sabe-se do seu manifesto desejo criativo inicial: a pintura. Daí a importância vinculativa de Schnabel com o tema e a vida de Van Gogh, de que

trata o seu mais recente filme. Mesmo que o próprio diretor, enquanto artista plástico, reconhece-se de uma geração do movimento neo-expressionista, ao contrário, o personagem que abordou em seu filme. Van Gogh é um dos brilhantes representantes do Impressionismo. Movimento de arte que nos leva ao cineasta francês Jean-Luc Godard e suas visões abstratas, no seu mais recente *Imagem e Palavra*. Filme que também comentei recentemente.

Com uma narrativa cheia de expectativas, *No Portal da Eternidade* nos traz a performance de um personagem singular, mas perturbado durante toda sua trajetória de vida. Como terá sido na realidade Vincent van Gogh. Desde criança, filho de pastor protestante de uma cidadezinha da Bélgica, o menino sofreu de alguns fantasmas existenciais.

Mas o filme não trata dessa sua passagem como criança, iniciando já no vilarejo de Arles, na Provence, no sul da França, onde o artista fixa residência, já aos 35 anos de idade. Ali, ele encontra o que para ele sempre faltou à sua pintura: as cores e a luz do sol, o que jamais conseguira em Paris.

Numa taberna, onde marchands e artistas discutem o valor das obras ali expostas, Van Gogh faz amizade com um outro pintor, Gauguin, que mais tarde seria igualmente famoso. Ambos passam a morar na mesma residência e a trabalhar juntos. Mas, não dá certo e vem o ápice das alucinações de Van Gogh, em decepar parte de uma de suas orelhas.

Trata-se de uma obra densa, emocional, com excelente performance do ator Willem Dafoe vivendo o pintor Vincent Van Gogh. Cujas percepções das coisas é profunda, desde uma visão ampla e amarelada dos campos cobertos de girassóis a uma gota de orvalho sobre simples folha. A câmera, que parece assumir posição “óptica” do próprio personagem em cena, imprime uma ação visual sempre atormentada, captando de forma nervosa as situações, como se “pintando” uma narrativa diferenciada. Que terá sido a do próprio Vincent.

Um filme singular, que me fez lembrar de quando estive certa vez numa das galerias do Louvre, em Paris, a contemplar a verdade pictórica e eterna da obra de Van Gogh. – Mais “coisas de cinema”, em: www.alexantos.com.br.



Youtube mostra os premiados pela APC

A AS Produções Cinema e Vídeo, afiançada pelos seus coprodutores Alexandre Menezes, Mirabeau Dias, Manoel Jaime Xavier e Moacir Barbosa de Sousa, deverá ter suas produções audiovisuais Antomarchi e Américo - Falcão Peregrino no streaming, neste mês de setembro. A divulgação das obras faz parte do programa de ação cultural da Academia Paraibana de Cinema (APC) sobre a cidade de João Pessoa, sua cultura e urbanidade. Conforme o titular da empresa produtora, Alexandre Menezes, o programa vem em bom tempo, justamente ao celebrarmos 433 anos da nossa capital, quando seus costumes e urbanidades são muito bem cenografados em ambas as obras paraibanas.

Cinema

Francis Ford Coppola anuncia nova versão de ‘O Poderoso Chefão - Parte 3’

Agência Estado

O cineasta americano Francis Ford Coppola anunciou que lançará em dezembro uma nova versão de *Poderoso Chefão - Parte III*, filme que foi originalmente aos cinemas em 1990.

O diretor afirmou em uma nota que reorganizou cenas e combinações musicais, além de ter restaurado a imagem e o som do clássico. “Esta é, para mim, uma conclusão mais apropriada para *O Poderoso Chefão* e *O Poderoso Chefão - Parte II*”.

O projeto, intitulado *Mario Puzo's The Godfather, Coda: The Death of Michael Corleone* (*O Poderoso Chefão de Mario Puzo, Coda: A Morte de Michael Corleone*, em tradução literal) será lançado nos cinemas com a reabertura das salas antes de chegar às plataformas digitais.

A atuação de Sofia Coppola, filha do diretor, como Mary, filha do mafioso Michael Corleone (Al Pacino), foi largamente criticada, mas Coppola afirma que a nova montagem do filme beneficiará a performance de Sofia.



Foto: Divulgação

Diretor disse que a nova montagem beneficiará a performance de sua filha, Sofia (aqui com Pacino)

no), foi largamente criticada, mas Coppola afirma que a nova montagem do filme beneficiará a performance de Sofia.

Na época do lançamento original do filme, o encerramento da

trilogia não recebeu o mesmo reconhecimento da crítica que seus antecessores, que haviam conquistado, juntos, nove estatuetas do Oscar, incluindo as estatuetas douradas de Melhor Filme.

São Paulo busca reabilitação contra o Flu hoje no Morumbi

Rodada tem o líder Internacional em ação contra o Bahia, no Beira Rio, e ainda o Vasco, que recebe o Athletico-PR

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

Em mais um dia de jogos nas três divisões nacionais de futebol em curso depois da paralisação por conta da pandemia da covid-19, 12 partidas serão disputadas entre as Séries A e C. Entre os principais confrontos estão as partidas entre São Paulo e Fluminense, Vasco e Athletico-PR, além de Internacional e Bahia. O dia de confrontos começa às 11h com dois jogos, pela primeira divisão. Entram em campo, na manhã de hoje, Bragantino e Palmeiras no Estádio Nabi Abi Chedid em Bragança Paulista. No mesmo horário, mas pela Série B, ocorrerá o confronto catarinense entre Chapecoense e Avaí, na Arena Condá, em Chapecó.

Vindo de mais uma derrota decepcionante no ano, dessa vez por 3 a 0 diante do Atlético Mineiro, o São Paulo de Fernando Diniz precisará se recuperar no jogo de hoje contra o Fluminense às 16h no Morumbi. Mesmo com o revés, o tricolor paulista ainda ocupa provisoriamente a segunda colocação na tabela de classificação, mas em caso de novo resultado negativo, a equipe poderá perder o posto. Já o tricolor carioca que está na quinta colocação com 11 pontos, dois a menos que o adversário de logo mais, buscará recuperar os pontos perdidos em casa na última partida quando empatou em 1 a 1 com o Atlético Goia-



Foto: Rubens Chiri/soopaulofc.net

Na quinta-feira, o São Paulo foi goleado pelo Atlético-MG (3 a 0) e necessita reagir contra adversário na parte de cima da tabela

niense, time que está na zona de rebaixamento.

No mesmo horário, o Internacional, líder da competição, receberá o Bahia no estádio Beira-Rio em Porto Alegre. Tendo empatado fora de casa contra o Palmeiras na última rodada, o colorado do treinador argentino Eduardo Coudet segue firme na ponta da tabela com 16 pontos e buscará hoje consolidar essa condição. Para tal, terá

pela frente um Bahia em crise após a derrota – 5 a 3 para o Flamengo, em casa – no último jogo e a demissão do técnico Roger Machado. Na décima segunda colocação, a campanha do tricolor baiano decepciona a torcida e a diretoria que esperava melhores resultados da equipe vice-campeã do Nordeste.

Assim que terminarem essas duas partidas, a bola rola às 18h no Estádio São

Januário, no Rio de Janeiro, para o confronto entre Vasco e Athletico Paranaense. Com um começo surpreendente na competição, o time da cruz de malta não vence a três rodadas e com isso estacionou na quarta colocação. A posição ainda é boa, mas a equipe busca voltar a vencer para não se descolar dos líderes da disputa. Do outro lado do confronto, o campeão da Copa do Brasil de 2019 também

busca reencontrar o caminho das vitórias após quatro rodadas sem sair de campo com os três pontos em resultado negativos que colocaram a equipe na décima terceira posição da Série A.

Pela Série A, ainda entram em campo hoje às 19h Atlético-GO e Grêmio e às 20h30 Sport e Goiás na Ilha do Retiro, assim como Coritiba e Atlético-MG que vão jogar no Couto Pereira. Na

Série C, a bola também rolará com um jogo pelo Grupo A – onde estão Botafogo e Treze – entre Ferroviário e Manaus no Castelão em Fortaleza. Já pela chave B da terceira divisão, outras três partidas serão jogadas. Às 15h30 o Ypiranga recebe a Tombense, já às 16h, o Criciúma jogará em casa contra o Volta Redonda, enquanto o Boa Esporte joga em Varginha diante do Brusque.

JOGOS DE HOJE

■ Série A

11h
Bragantino x Palmeiras
16h
São Paulo x Fluminense
Internacional x Bahia
18h
Vasco x Athletico-PR
19h
Atlético-GO x Grêmio
20h30
Sport x Goiás
Coritiba x Atlético-MG

■ Série B

11h
Chapecoense x Avaí
Amanhã
20h
Cruzeiro x CRB

■ Série C

15h30
Ypiranga-RS x Tombense
16h
Criciúma x Volta Redonda
Boa Esporte x Brusque
18h
Ferroviário x Manaus
20h
Paysandu x Jacuipense

Causos&lendas do nosso futebol

Francisco Di Lorenzo Serpa
falsarpa@oi.com.br | colaborador

TREZE HERÓIS

Um dos grandes times do Estado da Paraíba, o Treze Futebol Clube, nasceu em uma pequena casa de seu primeiro presidente e fundador, no longínquo ano de 1925, precisamente no dia sete de setembro. O senhor Antônio Fernandes Bióca abriu as portas de sua residência e recebeu doze amigos que gostavam de futebol, discutiram, planejaram e finalmente foi criado um dos grandes times do nordeste.

O fundador Antônio Fernandes Bióca é considerado por muitos historiadores como sendo o desportista que introduziu o futebol na Paraíba; tendo inclusive passagens nos antigos times do Red Cross e Cabo Branco. Este último ainda existente porém abandonou o futebol profissional.

O Nome do clube que estava sendo criado não teve consenso nas primeiras discussões, foi quando um dos fundadores- José Casado – teve a brilhante idéia de homenagear e batizar a nova agremiação chamando-a de Treze Futebol Clube em decorrência de serem treze desportistas que participavam da sua fundação. A proposta foi de imediato aceita por todos os treze fundadores presentes. Uma ata histórica foi redigida pelo secretário interino Alberto Santos e assinada por todos.

Não foi difícil fazer a escolha do mascote do clube em um Estado que tem a cultura e a tradição de fazer uma fezinha no

jogo do bicho. E assim o Treze F. C passou a ser carinhosamente chamado de galo, animal representado pelo número 13 no jogo do bicho. Hoje, depois desse tempo todo, podemos dizer que o galo da Borborema já cantou alto em muitos galinheiros da região norte nordeste.

O primeiro jogo oficial do galo da Borborema foi realizado contra a forte equipe do Palmeiras, no campo existente nas antigas instalações da Sanbra, terminando com a vitória de um tento a zero, gol marcado por Plácido Veras “Guiné” que passou a ser o atleta que marcou o gol número um do Treze F.C.

Em 1937, na época do interventor Argemiro de Figueiredo, foi doado o terreno que posteriormente foi construído o estádio Presidente Vargas, que já passou por várias reformas e que foi palco de jogos históricos, principalmente com o seu maior rival, o aristocrático Campinense Clube.

No ano de 1940 o time conseguiu conquistar o seu primeiro título estadual, repetindo a façanha e conquistando o bicampeonato em 1941. Um grande orgulho para o torcedor trezeano foi o fato de ver o bi-campeão do mundo “Garrincha” no final da década de sessenta vestir a sua camisa em um jogo amistoso contra a seleção da Romênia.

Uma curiosidade que não agradou a sua torcida fora a tentativa ocorrida nos anos oitenta de alguns dirigentes de mudar o nome do clube: de Treze Futebol Clube para Treze Atlético Paraibano; por meio de uma estrondosa votação em plebiscito os dirigentes tradicionais derrotaram e esmagaram essa idéia inovadora.

O Treze e o Botafogo da capital disputam e se rivalizam para ver quem possui a maior torcida do Estado, a mais fanática e a que proporcionou o maior público em nossas praças de esportes. Há controvérsias nesse assunto.

Aliás, por falar em torcida, no final da década de setenta saí de João Pessoa em um veículo Kombi, de propriedade de Doca do leite, na companhia de Vanni baú, Ivan champroula, Nana de biu, Kiko doido, Eduardo macaco, Sérgio bode, Sérgio peba, Fernando cagão, Ricardo cabaré e Dário doido para assistirmos o jogo contra o forte e temido time do Treze dentro do Amigão. Cobrimos o veículo com as bandeiras do Belo, levamos dois surdos, um tarol, dois repiques e dois maracás, muita cachaça, fogos de artifícios e partimos.

Estávamos todos alegres, um pouco embriagados e festivos, passamos a soltar fogos e a cantar músicas e hinos do time da capital. Finalmente, no interior da tradicional Sorveteria Flórida, quando

tomávamos a saideira, a expulsadeira, a última, a pé na bunda e outras mais, Naná de biu inadvertidamente passou a cantar e a gente a fazer coro:

*O belo tomar cerveja.
O galo tomar pitu.
O belo tomar no copo
O galo tomar no ...?*

Foi nesse dia que tive a certeza de que a torcida do galo poderia não ser a maior do Estado mas naquele momento foi melhor de briga, pois saímos escoltado e protegidos pela briosa PM.

Esta crônica é dedicada aos noventa e cinco anos de fundação e glórias do Treze F. C, data festiva que será comemorada no próximo dia 07/09/20.

Imagem: Ascom/Treze



Plantas medicinais: uma lição do meio ambiente ao homem

A natureza tem sido a grande mantenedora e salvadora da humanidade pela diversidade e riqueza que apresenta

Alexandra Tavares
lekajp@gmail.com

Desde os tempos mais remotos, nas diferentes culturas, o homem percebeu que era possível extrair da natureza substâncias que lhe proporcionassem bem-estar e saúde. Esse conhecimento foi acumulado e aperfeiçoado ao longo dos séculos e, atualmente, cerca de 70% dos medicamentos vendidos nas farmácias são derivados de espécies vegetais. “O restante são moléculas sintéticas ou isômeros aos componentes das plantas”, acrescentou o professor de Fitossanidade do Campus III da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Marcos Barros de Medeiros, chefe da Clínica Fitossanitária do Departamento de Agricultura do Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias (CCHSA).

A oferta de plantas medicinais, portanto, é mais uma das riquezas provenientes do meio ambiente. Segundo o professor Marcos Barros, a natureza tem sido a grande salvadora e mantenedora da humanidade em todos os seus aspectos. Não só pela grandeza de suas dimensões da biomassa e diversidade do reino animal e vegetal, mas também pela biomassa dos organismos inferiores, microrganismos, musgos e hepáticas, por exemplo.

Se o saber sobre as plantas medicinais progrediu no decorrer do tempo, as próprias espécies naturais, de acordo com Barros, também passaram para estágios mais avançados. Ele explica que as plantas “co-evoluíram” com os animais. Ao passo que eram atacadas, criaram mecanismos de defesa. “Por isso, trazem em sua constituição os ingredientes necessários para estabelecer a cura dos males, a nutrição e a qualidade de vida”.

E apesar de não serem tão adotados em nossa so-

cidade como deveriam, os compostos de plantas medicinais (fitocomplexos) possuem atividade mais intensa ou importante para o homem do que compostos químicos, fornecidos isoladamente (remédios de farmácia). Segundo Marcos Barros, as possíveis explicações científicas para este fato incluem sinergismo (força da mistura), melhor biodisponibilidade, efeitos

cumulativos, ou, simplesmente, as propriedades somadas dos constituintes.

“A possibilidade de um microrganismo adquirir resistência a um remédio de farmácia é significativamente maior do que a um remédio de planta medicinal. Será preciso que o agente patogênico desenvolva diferentes mecanismos de defesa (sítios ativos), ao invés de somente mover um ou poucos, para se ver li-

vre da ação deletéria de um antibiótico, por exemplo. Considerando a ação conjunta e sinérgica do fitocomplexo das plantas, raramente haverá perda da eficácia de um remédio caseiro” destacou.

O potencial das plantas como fonte de saúde para o homem também é enfatizado pela farmacêutica industrial, Ana Cláudia Medeiros, professora do Programa de Pós-graduação em Ciências Farmacêuticas da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e pós-doutora em Fármacos

e Medicamentos (USP/SP). “A natureza é uma dádiva. E é nesta natureza que encontramos os compostos bioativos importantes para o desenvolvimento de produtos medicinais”, salientou.

São muitos os exemplos, segundo ela, da contribuição das plantas medicinais para ajudar na cura de doenças. Um desses são os alcalóides da morfina, que foram extraídos da planta da família Papaveraceae e, “sendo os primeiros

compostos naturais sintetizados e comercializados por uma indústria farmacêutica”. Os alcalóides indólicos vincristina e vimblastina, obtidos por meio de plantas comuns em muitos jardins, foram outras importantes contribuições para a sociedade. Eles deram origem a medicamentos para o tratamento do câncer.

Continua na página 14



Fotos: Divulgação



Na Clínica Fitossanitária da UFPB, pesquisadores desenvolvem estudos com base nas propriedades medicinais das plantas encontradas facilmente na natureza, como o mastruz e o hortelã

+ Sabedoria transmitida de geração a geração

Seja por índios, monges beneditinos, boticários e outros segmentos da sociedade nas diferentes culturas e épocas, o uso das plantas medicinais é uma prática que vem passando de geração a geração e se popularizou. Mesmo após a consolidação da indústria farmacêutica, há pessoas que recorrem constantemente a esta sabedoria ancestral.

Na comunidade do Porto do Capim, em João Pessoa, dona Odaci de Oliveira Santos, 60 anos, aprendeu com os pais algumas receitas medicinais à base de plantas. A matéria-prima está no próprio quintal ou na vizinhança. “Tenho o pé de colônia e, dele, faço o chá e o banho, que serve, para expulsar a febre do corpo”, frisou.

Nas proximidades do Rio

Sanhauá, que banha a comunidade, ela ainda costuma coletar folhas de algumas árvores frutíferas que, segundo dona Odaci, têm propriedades curativas. Um exemplo são as folhas da mangueira, árvore abundante no litoral paraibano e que, segundo ela, trata inflamação de dente.

A antiga moradora salienta que o manguezal é “cheio

de energia e medicina”. “Moro nessa comunidade há 56 anos e aprendi muita coisa sobre as plantas com minha mãe e outras pessoas ribeirinhas”. Considerada por algumas pessoas como uma das curandeiras da comunidade, dona Odaci replica com simplicidade. “Não sei se sou curandeira, só sei que tenho minhas sabedorias”.

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | colaborador

Woodstock: última bandeira pacifista

Aproveitei a última noite madrugada de insônia para, em vídeo, rever o documentário “Woodstock”, de Michael Wadleigh.

A Feira de Música e Artes de Woodstock (seu nome oficial) foi aberta pela negritude de Richie Havens e seu som acústico. Era o anúncio para, no terceiro dia, a negritude de Jimi Hendrix e o delirante som elétrico de seu “Experience”. Foi sintomático, naqueles dias de Vietnam, o desempenho de Hendrix estralando na guitarra o hino dos Estados Unidos. Foi uma cena que fica como uma das mais significativas do século 20.

Me deu mais saúde neste setembro rever naquela fazenda de Max Yasgur, no Estado de Nova York, cantando e tocando diante de mais de 450 mil jovens, gente como Stephen Stills, Country Joe, John Sebastian, Joan Baez, Ten Years After... E chorei, aqui no quarto-ateliê em Cruz das Armas, com Joe Cocker (foto) poderoso em “With a little help from my friends”.

Fica descompassado perceber que Woodstock acon-

teceu há 51 anos (agosto de 1969), quando, apesar de três dias inteiros juntos, os milhares de jovens conviveram em paz. Não aconteceram mais incidentes do que três mortes (uma por “overdose”, um jovem atropelado por um trator e uma crise de apendicite), dois partos e nenhuma briga, a não ser a de Pete Townshend, do The Who, com um “hippie”.

Revi o documentário e fiquei até o meio-dia com nostalgia parecida com a tão repisada nos personagens de Albert Camus (“O estrangeiro” e “A peste”, entre outros): a de que Woodstock foi a última bandeira do movimento pacifista da geração dos anos 1960. Pacifismo que - em dias de Trump, Maduro, Putin e aquele

maluco nortecoreano - não tem espaço.

Peguei discos ao redor e senti que a última canção com o tom daquilo tudo ainda é a versão que, em 1979, Gilberto Gil fez para “No woman no cry”: “Bem que me lembro da gente sentado ali na grama do Aterro, sob o sol, / Observando hipócritas, disfarçados, rondando ao redor”.

Hoje fico entre perplexo e triste quando vejo (como assisti no canal Bis) o reboledo da cantora Anitta com a música “Sua cara”, apresentada como “a bomba brasileira”.

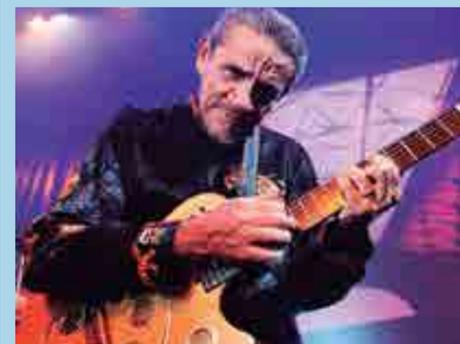
Também quando vejo que a juventude de hoje em dia mal sabe, ou nada sabe, de Woodstock, preferindo rodeios, pagodes e Anitta, cantando com Nego do Borel...

De qualquer maneira, não somos vencidos. Woodstock, forever.

Uma “amenidade pop”: um ano antes do surgimento do grupo Aerosmith, seu vocalista, Steven Tyler, entrou de penetra no Festival de Woodstock com dois integrantes de sua primeira banda. Ele disse aos seguranças que formavam o grupo britânico Ten Years After.

Para tanto, o cantor usou o sotaque inglês que aprendeu ao fingir ser irmão de Mick Jagger.

Geléia geral



■■■ Aqui, ao lado do meu teclado Yamaha e de outros apetrechos carlaranhescos, uma reprodução de Raul Seixas com a legenda: “...Longe das cercas embandeiradas que separam quintais, no cume calmo do meu olho que vê e assenta a sombra sonora de um disco voador”. Toca Raul! ■■■ Como fotógrafo, Manuel Clemente é um dos nomes expressivos no documentário

cinematográfico do Nordeste. ■■■ Cada dia que passa a gente constata, com perplexidade, que diploma universitário já não garante o futuro de ninguém. É triste: o Brasil em diluição. ■■■ Esperemos os argonautas do infinito. ■■■ Zé Ramalho (foto) mais os saudosos Belchior e Raul Seixas: todos poetas putos. ■■■ Foi num 7 de setembro que morreu meu pai: Sebastião Ferreira de Macedo.



Paraíba é rica na oferta de plantas e de conhecimento

Pesquisadores que atuam no Estado têm trabalhos reconhecidos internacionalmente com plantas típicas da região

Alexandra Tavares
lekajp@gmail.com

As potencialidades das plantas medicinais são uma relevante área de estudo nas academias. Na Paraíba, a farmacêutica industrial Ana Cláudia Medeiros, professora do Programa de Pós-graduação em Ciências Farmacêuticas da UEPB, declara que o grupo de pesquisa do qual faz parte tem vários estudos concluídos nessa área.

Segundo ela, são 75 artigos científicos publicados em revistas nacionais e internacionais, com um público leitor em todo o mundo. Ela cita ainda oito patentes registradas no Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI), e mais duas sendo finalizadas. Além de livros e capítulos de livros publicados.

Como estudo já concluído, Ana Cláudia enfoca o desenvolvimento de um comprimido mucoadesivo para candidíase bucal, produzido com extrato de uma planta, e outra patente de um anestésico bucal em forma de gel. “Uma nova opção frente aos que estão disponíveis no mercado farmacêutico”, acrescentou.

A professora afirma que está em fase inicial o desenvolvimento de um comprimido de liberação prolongada que, se comprovadas a eficácia e segurança, poderá substituir o medicamento para ansiedade mais prescrito.

De acordo com a farmacêutica industrial, o Brasil é rico, tanto na oferta de plantas quanto em conhecimento e pesquisadores capacitados para garantir a qualidade dos fitoterápicos. “Para isto, bastam recursos financeiros e políticas públicas efetivas para estimular a cadeia produtiva nacional desses medicamentos”, declarou.

UEPB

O professor Marcos Barros de Medeiros, chefe da Clínica Fitossanitária do Departamento de Agricultura do

Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias (CCHSA) da UFPB, salientou que as práticas com plantas medicinais são fontes de pesquisas, levantamentos e resgates populares em avaliações feitas pela equipe da clínica. Na universidade, o trabalho consiste em visitas a assentamentos de reforma agrária e comunidades agrícolas tradicionais do Brejo e Agreste paraibanos, realização de entrevistas com erveiras, parteiras, benzedoras e agricultores agroecológicos.

“Atualmente, estamos iniciando uma pesquisa com o mapeamento e desenvolvimento da própolis marrom e verde, de abelhas do Agreste e do Sertão, onde serão catalogados os produtos das abelhas provenientes das floradas da Paraíba”, contou Barros.

O professor conta que o laboratório está sendo reformado e adaptado no município de Bananeiras para manipulação das ervas medicinais e aromáticas.

Saiba mais

Uma das plantas mais estudadas na Paraíba é a “milona” ou “orelha-de-onça” (*Cissampelos sympodialis* Eichl., da família Menispermaceae). De acordo com a farmacêutica industrial Ana Cláudia Medeiros, já foram produzidos mais de 56 artigos, 45 trabalhos de conclusão de curso (TCC), dissertações e teses sobre essa espécie vegetal. Trazida do Alto Sertão paraibano para os laboratórios da UFPB, a milona é uma planta popular na região, usada para o tratamento de males que acometem as vias aéreas. Aliás, a caatinga brasileira, presente predominantemente na região semiárida do país, é uma rica fonte de recursos vegetais a serem analisados do ponto de vista farmacêutico e agrícola. “Temos, na caatinga, poucas plantas estudadas do ponto de vista farmacológico, como angico, pereiro, mandacaru, catingueira, braúna e o umbu”, frisou a professora.



Alunos acompanham trabalhos de pesquisa na Clínica Fitossanitária da UFPB, onde são estudadas as potencialidades medicinais das plantas

+ Brasil subutiliza potencialidades da flora

No Brasil, as diretrizes da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, criada em 2006, foram detalhadas num programa que leva o mesmo nome, e tem como objetivo primordial, incentivar a pesquisa e ampliar o uso de plantas medicinais e fitoterápicos no país. Na época, a ideia ainda era priorizar a biodiversidade e estimular a adoção da Fitoterapia nos programas de saúde pública.

Mas, segundo a farmacêutica industrial Ana Cláudia Medeiros, esse objetivo não foi cumprido. “Infelizmente, poucas coisas foram realizadas pelos governantes

desde a sua criação (Política Nacional). O que tivemos de mais relevantes foi a distribuição, através da Relação Nacional de Medicamentos Essenciais (Rename), de doze medicamentos fitoterápicos disponíveis na atenção básica à saúde, sendo que os mais encontrados na Paraíba são o Guaco e a espinheira santa”, afirmou.

Em 2010, uma portaria do Ministério da Saúde (GM/MS nº 886) instituiu, segundo Ana Cláudia, a Farmácia Viva, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Outras ações foram implementadas neste sentido como o lançamento (em 2011) da 1ª edição

do Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira, acrescido de um suplemento publicado em 2018, da capacitação de médicos do SUS em 2012, e o Memento Fitoterápico da Farmacopeia Brasileira, publicado pela Anvisa, em 2016.

Apesar das iniciativas federais, o Brasil está longe de estar entre os primeiros do mundo no consumo de produtos fitoterápicos. Em 2016, a Folha de São Paulo divulgou que o Brasil deixa de gerar US\$ 5 bilhões por ano com esses produtos por não conseguir transformar sua flora em remédios.

Mesmo sendo natural, é preciso ter cuidados

O uso de plantas medicinais, apesar da eficácia, deve ser utilizado com comedido. Segundo especialistas, dependendo do tipo da planta, dosagem, mistura utilizada e perfil de quem consome, a ingestão de algumas substâncias pode trazer complicações, como intoxicação, se não for ministrado corretamente.

O professor de Fitossanitária da UFPB, Marcos Barros, res-

salta que, exceto bebidas mais populares e comuns como chás de camomila, erva doce, maçã, boldo e tantas outras largamente consumidas, a ingestão de chás com fins terapêuticos deve, preferencialmente, ser precedida de orientação e acompanhamento de um profissional. “As doses terapêuticas, muitas vezes, são individuais e precedem de uma prescrição, portanto, não devem

ser utilizadas sem orientação profissional”.

Pessoas com problemas hepáticos, pancreáticos e renais, segundo ele, precisam ter cuidado dobrado e só devem ingerir ervas medicinais com orientação médica, farmacêutica ou de um nutricionista. As mulheres grávidas também devem estar em alerta, porque há plantas que interferem na formação do feto.

Toca do Leão

Fábio Mozart
colaborador

Por falta de “cacau”, deixei de ser imortal

Se você fosse convidado para ser imortal, recusaria? Eu não aceitei a distinção, por falta de míseros 600 paus. É que minha comadre Jô Alcoforado, sendo delegada brasileira da Academia de Letras e Artes de Valparaíso do Chile, indicou-me entre dez nomes de escritores brasileiros para fazer parte dessa instituição. Fiquei honrado com o convite, mas esbarrei no quesito money. A Academia cobra 600 paus aos seus novos integrantes, e estou momentaneamente sem numerário. A bola de cristal de Madame Preciosa não mostra nenhuma perspectiva econômica positiva para o futuro deste quase imortal.

O camarada liso só presta pra ser transitório, efêmero, e não imortal. Sem padrinho que me favoreça, fico fora da imortalidade acadêmica. Além da joia de admissão, ainda teria que comprar o pelerine, que é a capa godê, de fina renda e magnífica seda usada pelos acadêmicos. É muita areia pro meu caminhãozinho, atolado até o semieixo na lama da inadimplência.

Porém, com esse meu jeito desmante-

lado, achacadiço e sem robustez financeira, estou mais para morto vivo do que para imortal. Agradeço o convite da poeta Jô Alcoforado, mas acho que vou me contentar em entrar sem-cerimoniosamente na Academia dos Pé Rapados do Bar de Zé, que é o lugar de falso intelectual e autêntico pé-de-cana, falador da vida alheia e filósofo de mesa de bar. Lá, pelo menos eu posso garantir um fiado.

Só a título de brincadeira, sem querer achincalhar, cito o humorista Grouxo Marx: “jamais entrei para um clube que me aceite como sócio”.

Meu próximo livro de poesias terá o título: “Sentença final – tratado poético de amizade, desilusão, esperança, humor, loucura, recordações, saudade, solidão, tristeza e assuntos transcendentais, produzido por um poeta sem eira nem beira que arranca da alma, mesmo sem ter alma, tanta besteira a ponto de empolgar a plateia com suas jogadas sensacionais de autopromoção”.

Será o livro de poesias com o título

mais longo da história da baixa literatura em língua portuguesa. Buscarei nas mesas dos bares declarações bombásticas de qualquer zé ruela metido a intelectual para fazer parte da “orelha” do meu livro. Já coleciono algumas: “O homem racional não pode viver sem este livro, porque somente este livro dá ao homem racional a necessária orientação para sua vida interior”, frase idiota do meu compadre Ameba, sempre solidário.

Enfim, farei parte dessa confraria dos poetas ruins que tanto material oferecem às traças e aos sebos, quando não servem, os tais livrinhos e livrões, de calço para móveis velhos. Inspiro-me em histórias de fracasso de autores de versos chiffrins que não interessam a ninguém. Sem jamais ter alcançado a criatividade consistente dos verdadeiros poetas, contento-me em ser um poeta menor, débil e obscuro. Mas ninguém tira de mim a glória de ter publicado o livro de poemas com o título mais longo. Não é pouca coisa para um quase nada.

Peço também que não me chamem de

poeta, pois poeta eu não sou. O escritor Milton Hatoum é taxativo: “não existem más poesias ou poetas ruins. Ou se é poeta ou não. O resto é apenas aspiração à poesia”. Ou seja: ou o poeta é bom, genial, ou não é poeta. Entendeu, Maciel Caju?



Grito da Independência teve início com revoltas na PB



Foto: Reprodução

Insatisfações da burguesia açucareira do NE provocaram movimentos emancipacionistas anos antes do 7 de Setembro

Dina Melo
dinapereirademelo@gmail.com

A dois anos de completar o segundo centenário de sua Independência, um marco importante do Brasil ainda é obscurecido da História: a adesão dos estados nordestinos aos movimentos rebeldes que prenunciavam a separação da Colônia – ou o que levou Dom Pedro I, em 7 de setembro de 1822, a dar o grito às margens do Ipiranga. A participação da província da Paraíba na Revolução de 1817, também conhecida como Revolução Pernambucana, já demarcava uma forte onda emancipacionista, assim como se espalhou Nordeste afora.

A Independência foi mais um processo de tentativas até se chegar ao marco de 1822. Em 1815, esta evolução começa quando o país é elevado à condição de Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. “Mas a ideia de nação só foi se forjar em meados do século XIX. Até lá, a ideia de identidade pertencia às pátrias locais: você não era brasileiro, era paraibano ou pernambucano, por exemplo”, explica a historiadora Serioja Rodrigues Cordeiro Mariano, que transformou a tese de doutoramento em tema do livro “Gente opulenta e de boa linhagem: família, política e

relações de poder na Paraíba (1817-1824)” (UEPB).

As revoltas que culminaram na Independência resultaram de fortes insatisfações locais da burguesia açucareira, que começaram com a transferência da Corte portuguesa para o Brasil, em 1808, fuga das tropas napoleônicas. O ideal de República era cultivado por muitos brasileiros, influenciados pelo liberalismo e pelas lutas da Independência dos Estados Unidos (1776) e da Revolução Francesa (1789).

Antecedentes

No Nordeste, a crise econômica foi acentuada pelos impostos excessivos sobre a exportação dos produtos, pelos gastos para sustentar a família real e pelas campanhas militares travadas por D. João VI na Europa. “O levante foi liderado por uma elite econômica e intelectual contra o pacto colonial e o aumento desses impostos, que empobreciam a região. A região já sentia o declínio do comércio do açúcar, com o deslocamento do polo econômico para Minas Gerais, e os efeitos da grande seca de 1816 [que também atingiu a Paraíba]”, lista o historiador João Batista Gonçalves Bueno, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Some-se a isso a grande influência que Pernambuco

exercia sobre os demais estados nordestinos e estava pronto o caldo que eclodiu na revolução – que, como esclarece Bueno, mais se presta à alcunha de revolta. Pernambuco chegou a tomar o poder e instalou um governo provisório, separado do país. Por estarem mais próximas de Pernambuco, as cidades de Itabaiana e Pilar se rebelaram primeiro. Senhores de engenho e militares preteridos de receber promoções no lugar dos portugueses, a exemplo do capitão Amaro Gomes Coutinho, pegaram em armas e depuseram o governo monarquista, instalando uma junta republicana. Até uma Constituição começou a ser discutida.

Assim que assumiu o poder, a junta reduziu os novos impostos que a Metrópole tinha criado sobre a carne, lojas, taverna e similares, extinguiu o uso de bandeiras portuguesas e insígnias reais, reduziu pela metade as taxas alfandegárias e declarou igualdade entre estrangeiros e nacionais.

À época, a Paraíba era governada por um triunvirato composto pelo ouvidor-geral André Alves Pereira Ribeiro e Cirne, o tenente-coronel Francisco José da Silveira e o vereador mais velho da Câmara, Manoel José Ribeiro de Almeida.

O poder do “familismo” na província

Revolução está no nome mas, assim como a história é feita de reconstruções, e geralmente pela visão dos vitoriosos, o termo é polêmico: “Foram levantados muitos pontos, o Brasil nunca assistiu a uma revolução, que implica uma quebra da cultura, da economia e da organização social, nos moldes do que aconteceu na França em 1789”, sentencia Bueno. A professora Serioja Mariano sequer usa o termo “revolução” em sua obra; prefere “insurreição” – e vai além: demonstra o poder do “familismo” da província para o fortalecimento da luta nos três meses de República antes do massacre dos “mártires”, como os Carneiro da Cunha, os Monteiro da Franca, os Albuquerque Maranhão e do Padre Correia de Sá, que arregimentou dois mil revoltosos em Sousa.

A sociedade paraibana era escravocrata, antiabolicionista e havia distinções sociais que não foram alvo de contestação – pelo contrário: objetivava a manutenção dos privilégios históricos, como a propriedade privada (escravos incluídos). “No entanto, os índios e negros não foram usados como bucha de canhão, como prega boa parte da historiografia, porque a eles foram prometidas as terras usurpadas,

“O contraditório é que as elites que lutaram em 1817 vão compor o poder monárquico de 1822 em diante. É a prática de aderir ao que convém”



Foto: Acervo pessoal

Professora Serioja Mariano não usa o termo “revolução”

e até alforria, no caso de vitória”, conta.

Depois da crise açucareira e da grande seca, a Paraíba assistiu à retomada gradual da sua economia com o ciclo do algodão, que era exportado para a Inglaterra. “O contraditório é que as elites republicanas que lutaram em 1817, muitos tendo sido presos, vão compor o poder monárquico de 1822 em diante. É a prática do adesismo nacional: você adere ao que lhe convém e conforme o que convém, prática viva na política até hoje”.

Líderes executados

O historiador Irineu Ferreira Pinto reproduziu no texto “Datas e Notas para a História da Paraíba” que os revolucionários haviam assinalado em 24 de março de 1817, no Engenho Pacatuba, em Sapé, o “1º dia da Independência”. Trata-se do primeiro registro da expressão comemorativa, antecipando-se à Independência de 1822. Foram apenas 56 dias de experiência republicana (de 13 de março a 7 de maio de 1817): os revoltosos foram cercados pelas tropas reais e os líderes presos, enforcados, decapitados e tiveram as mãos decepadas.

“Cinco lideranças foram acusadas e mortas por crime de lesa-majestade, o mais grave cometido contra a Coroa. Foram executados em Recife José Peregrino de Carvalho, Amaro Gomes Coutinho, Francisco José da Silveira, o padre Antonio Pereira de Albuquerque e Inácio Leopoldo de Albuquerque Maranhão. Seus membros foram expostos em várias localidades da Cidade da Parahyba (hoje João Pessoa). Os outros revolucionários foram presos; alguns tiveram seus bens confiscados e leiloados. Só após a anistia das Cortes Portuguesas, em 1821, é que antigas lideranças de 1817 voltaram ao cenário político da Paraíba”, relata Mariano.

Placas resguardam memória do movimento

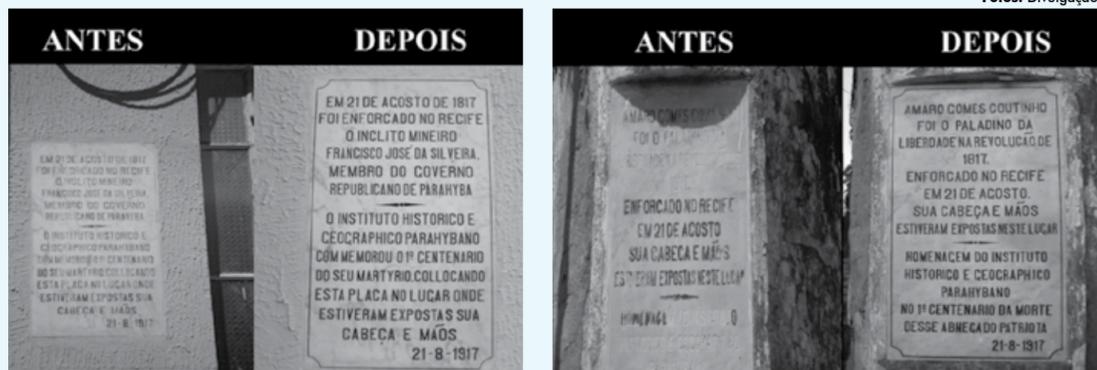
Iniciado em 2012, o projeto “Antes que se apague completamente: memória e patrimônio da Revolução de 1817 na Paraíba” recuperou quatro placas comemorativas à insurreição, instaladas pelo Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) por ocasião

do seu primeiro centenário.

Localizadas na Ladeira de São Pedro Gonçalves, Praça Rio Branco, Mosteiro de São Bento e Igreja Nossa Senhora de Lourdes, no Centro Histórico de João Pessoa, indicam onde três dos líderes foram rendidos e tiveram

seus membros expostos (José Peregrino de Carvalho, Francisco José da Silveira e Amaro Gomes Coutinho), porém estavam mal cuidadas e quase ilegíveis. Graças a um convênio da UEPB com o Ministério da Justiça, elas foram restauradas.

Fotos: Divulgação



Projeto “Antes que se apague completamente: memória e patrimônio da Revolução de 1817 na Paraíba” recuperou placas comemorativas



Criação de cabras e bodes no Semiárido é uma atividade comum entre a população rural e tem potencial para crescer como atividade econômica e promover o desenvolvimento da região

Projeto acadêmico fomenta caprinocultura leiteira na PB

Proposta de pesquisadoras é organizar cadeia produtiva e alavancar a demanda, com foco na culinária gourmet

Márcia Dementshuk
Especial para A União

Ouro branco. A pesquisadora Rita do Egypto Queiroga considera o leite de cabra tão benéfico à saúde que o compara ao valioso metal, base de joias preciosas. O alimento de origem caprina é o foco de um projeto de pesquisa conjunta entre a Universidade Federal da Paraíba e o Instituto de Tecnologia de Alimentos, em São Paulo. A proposta foi uma das dez selecionadas na última semana entre 153 submetidas à chamada conjunta de fomento à pesquisa da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), cujo investimento total será de 4 milhões de reais.

A riqueza do ouro branco lácteo vai além da fonte nutricional. A criação de cabras e bodes no Semiárido é uma atividade comum entre a população rural e tem potencial para crescer como atividade econômica e promover o desenvolvimento da região. A outra vertente conduz para a produção de alimentos derivados do leite de cabra, como bebidas lácteas e o queijo artesanal - neste ponto o projeto converge com o refinamento do paladar no desenvolvimento de produtos gourmet, com atenção ao flavor, à textura e ao sabor.

A proposta das pesquisadoras Rita de Cássia Ramos do Egypto Queiroga, coordenadora do laboratório de Bromatologia no Departamento de Nutrição da UFPB, e Maria Teresa Bertoldo Pacheco, do Instituto de Tecnologia de Alimentos, em São Paulo, apresenta ações considerando um modelo de inovação que tem trazido bons resultados: o da tríplex hélice - governo, setor produtivo e universidade. Dessa forma, irá fomentar o arranjo produtivo local (APL) da caprinocultura leiteira com foco em um produto que, ainda por cima, é básico para a segurança alimentar de famílias que vivem em situação

vulnerável.

“A Paraíba é o Estado com a maior produção de leite de cabra do Brasil e tem o potencial de crescer muito. Pesquisamos o leite de cabra há 28 anos e conhecemos o setor com profundidade. É preciso organizar a cadeia produtiva, desde a produção, o cuidado com os animais, a ordenha do leite; depois passamos para a manufatura dos produtos, o iogurte, a bebida láctea e o queijo. O que fazer com o queijo? Alavancar uma demanda diferenciada, com um paladar mais exigente, apreciadora da culinária gourmet”, explica Rita do Egypto Queiroga.

Outra vertente do projeto conduz à produção de alimentos derivados do leite de cabra, como bebidas lácteas e queijo artesanal



“Ciência e pesquisa precisam de oxigênio”

A pesquisadora tem na bagagem uma experiência vivida na Universidade Católica Portuguesa, na cidade do Porto, em 2010, ao fazer o pós-doutorado. Ela participou de um grupo que produziu um queijo artesanal fresco misto de leite cabra e de vaca, tipo um queijo coalho. Em uma das sessões de degustação, o produto atraiu uma empresa de laticínios que passou a comercializar o novo queijo.

“Esse tipo de queijo fresco, misto, como o coalho não existia em Portugal. A empresa se interessou e se candidatou a produzir em escala comercial. E hoje é vendido por lá”, revela a pesquisadora.

Segundo ela, a parceria entre empresa e universidade é um modelo antigo em Portugal e muito fortalecido. Grande parte das pesquisas é demandada por empresas. “A empresa de laticínios que comercializa nosso queijo é uma parceira tradicional da universidade e acompanhou o processo da criação do queijo misto desde o

início. O grupo de pesquisadores fez o depósito da patente, um convênio bilateral entre os dois países, e essa empresa adquiriu o direito de comercialização. Os pesquisadores concordaram em destinar os royalties para novas pesquisas”, salientou Rita do Egypto Queiroga.

Ao retornar para o Brasil e continuar com as tarefas da docência na universidade, Rita se esforçou para emplacar projetos semelhantes ao que desenvolveu em Portugal. Os impedimentos foram sobressaindo, como a falta de tempo para se dedicar à extensão, a dificuldade de articulação para execução e, o pior de todos, a falta de apoio financeiro. Até que a oportunidade de concretizar a ideia surgiu com a chamada conjunta Fapesq-Fapesp:

“Eu estava sem fôlego. Eu estava desidratada e desnutrida”, confessou a professora Rita, parafraseando a condição orgânica. “Um projeto dessa natureza, contemplado num edital tão impor-

tante como esse, renova as perspectivas. A ciência e a pesquisa precisam de oxigênio. Refiro-me à renovação. Não se faz pesquisa sem recurso. No momento em que se tem um edital desta natureza, que amplia os horizontes, a possibilidade de fazer algo novo fortalece a ciência.”

Os trabalhos do projeto que leva o nome “Queijo Caprino Artesanal: Novo produto de interesse funcional e econômico” serão realizados tanto na Paraíba quanto em São Paulo e os pesquisadores irão compartilhar as experiências e a tecnologia. A cooperação é fundamental para o alcance dos objetivos. Será feito um mapeamento dos queijos de cabra que já são produzidos, detectando suas características, com a intenção de promover melhorias técnicas que ampliarão as possibilidades de comercialização. Ou seja, gerar conhecimento para o produtor garantir maior qualidade preservando suas raízes culturais.



Queijo artesanal de cabra: produto original do Estado

Uma das metas do projeto é difundir o queijo artesanal feito com leite de cabra como um produto original da Paraíba. No Brasil, há alguns queijos artesanais destacados pela produção em determinados estados:

- Queijo do Marajó, da Ilha de Marajó, feito com leite de búfala.
- Coalho, tipicamente da Paraíba e Pernambuco, mas amplamente produzido em todo o Nordeste.
- Manteiga, do Rio Grande do Norte, tradicionalmente consumido nos estados vizinhos.
- Minas Frescal, Minas Padrão, Canastra e Serro, típicos de Minas Gerais.
- Caipira, do Mato Grosso do Sul
- Colonial, do Rio Grande do Sul.

Queijo de cabra
Nas últimas décadas, diversas pesquisas realizadas ampliaram

o conhecimento sobre esse tipo de leite. O interesse pela composição e características do leite de cabra tem crescido em função do reconhecimento do seu valor nutricional e potencial funcional, considerando seus constituintes químicos e biológicos.

“O leite de cabra apresenta algumas características dietéticas e terapêuticas distintas dos demais tipos de leite amplamente reconhecidas e importantes na nutrição, principalmente infantil”. Também, entre os idosos, quando já estão com os processos de digestão comprometidos, com dificuldade de absorção de cálcio, o leite caprino traz benefícios, segundo a pesquisadora Rita do Egypto Queiroga.

A baixa alergenicidade e maior digestibilidade, quando comparado ao leite bovino, são

comprovadas. O leite caprino e seus derivados se destacam pelos altos teores de cálcio, fósforo, potássio, magnésio, dentre outros, e por constituintes bioativos que

restauram a flora intestinal, como os peptídeos, ácido linoleico conjugado (CLA) e oligossacarídeos; compostos que têm sido objetos de estudos recentes.

Foto: Arquivo pessoal



Rita do Egypto destaca as propriedades dietéticas e terapêuticas do leite de cabra

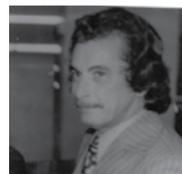


Foto: Arquivo do Jornal A União

O mundo fantástico de Zé Limeira e sua “filosomia”

Prosódia peculiar do “poeta do absurdo” usou repente, improviso e desafio para expressar nossa cultura e criar novas palavras

Lucilene Meireles
lucileneirelesip@gmail.com

Ele distorcia fatos históricos e promovia encontros inusitados de personagens em suas poesias e repentes. Fazia versos surreais, com enredos mirabolantes, misturando personagens que jamais poderiam ter se encontrado na vida real. Mesmo analfabeto, compunha rimas perfeitas, brincava com as palavras e criava causos fantásticos, bem humorados que até pareciam verdade. De tanto inventar histórias impossíveis, José Gomes da Silva – o Zé Limeira – ficou conhecido como ‘O Poeta do Absurdo’ e até hoje muitos duvidam se ele realmente existiu, ou se é apenas uma invenção.

Artista da cultura popular, Zé Limeira era um negro muito alto, com quase dois metros de altura, extravagante nas criações artísticas e excêntrico no modo de ser e de vestir. Exibia anéis em todos os dedos, no pescoço usava um lenço de cor chamativa e, na viola, tinha fitas coloridas esvoaçantes que criavam um ar psicodélico, descontraído, risinho e bem humorado como ele foi a vida inteira.

Em seus versos, costumava reunir personagens de épocas distintas em encontros inusitados misturando, por exemplo, Napoleão com costumes locais. As esquisitices do poeta e repentinista atraíram muito admiradores em seus tempos áureos, mas só se tornaram conhecidas do público através do poeta e jornalista paraibano Orlando Tejo, já falecido, que escreveu o livro ‘Zé Limeira, o poeta do absurdo’.

No documentário ‘O Homem que viu Zé Limeira’, da TV Senado (2013), Orlando Tejo conta que se assustou com o surrealismo do poeta. Na mesma produção, o músico e cordelista Beto Brito recita um verso: “Eu briguei com um cabra macho, mas não sei o que se deu. Eu entrei pro dentro dele e ele entrou pro dentro meu. E num zoadão daquele não sei se eu era ele, nem sei se ele era eu”, destacando que foi a última peleja de Zé Limeira com Orlando Tejo, em Campina Grande.

Com sua cultura analfabeta e uma prosódia particular, Zé Limeira soube bem usar o tripé repente, improviso e desafio, uma forma genuinamente nordestina de falar e se expressar. Não sabia ler e, por isso, prestava mais atenção aos versos, absorvendo as histórias com mais facilidade do que muitas pessoas letradas. Na oralidade, o poeta sabia ‘ler’ vidas e mostrava com isso a alma brasileira. Nascido em 1886 no Sítio Tauá, município de Teixeira, no Sertão da Paraíba, o artista faleceu em 1954, na véspera de Natal, levando consigo os segredos da sua própria ciência, a ‘filosomia’, cujo significado nenhum dicionário traduz.

Na oralidade, o poeta sabia ‘ler’ vidas e mostrava, com isso, a alma brasileira



Arte: Tonio

Realismo versus alter ego

“Zé Limeira oscila entre o mito e o real. Na verdade, a impressão que tenho é que Orlando Tejo fez do poeta Zé Limeira uma espécie de alter ego dele para dar vazão ao seu espírito satírico e grotesco”, destacou o crítico literário, escritor, poeta e jornalista Hildeberto Barbosa Filho. Para ele, Zé Limeira seria uma invenção. “Não diria mito, mas uma espécie de lenda e, curiosamente, uma lenda que termina possuindo a sua verdade”, observou.

Do ponto de vista da inserção dele na literatura oral e popular, conforme Hildeberto, ele causa uma espécie de ruptura, embora a linha poética que desenvolve tenha uma tradição também na literatura popular que é essa linha do grotesco, do escatológico, do obscuro, do extravagante, do absurdo. “Há uma linha que mistura o erótico, já partindo para o obscuro e, ao mesmo tempo, a veia paródica, irreverente, sarcástica”, pontuou.

Esse aspecto, segundo Hildeberto, está na tradição oral popular que dialoga com a tradição erudita. Zé Limeira é um ponto de referência fundamental nessa tradição e essa seria a grande importância que ele traz para a literatura oral e popular. “Ele se transformou numa espécie de ícone do destempero, da linguagem furibunda, destabulada, irrisível. Há uma tradição do muito riso e pouco siso nos seus poemas que são, no fundo, ao meu

ver, criação do Orlando Tejo, uma forma de dar uma espécie de vazão à sua fantasia criadora”, analisou.

Para o crítico literário, Zé Limeira representa muito na literatura popular não só por ser brasileiro, paraibano, nordestino, mas fora do país, por parte de pesquisadores europeus, sobretudo na França. “É um nome que se notabilizou, talvez até um pouco mais do que muitos outros poetas da tradição, de forma que é um autor ao qual não devemos ser indiferentes pela riqueza da sua poesia do ponto de vista não só do ritmo, das imagens, como também da questão do vocabulário, com a criação de neologismos, enfim, em função de uma visão escatológica, apocalíptica, extravagante e profundamente risível e sarcástica do mundo”



Livro lançado pelo jornalista e escritor Orlando Tejo reúne versos de Zé Limeira

+ Filha é prova que o artista popular existiu

Foto: Lusângela Azevedo



Severina Gomes da Silva, filha de Zé Limeira, mora em Patos (PB)

Há quem acredite que Zé Limeira é apenas um mito, uma invenção criada pelo poeta Orlando Tejo, mas a aposentada Severina Gomes da Silva, de 70 anos, é a prova inquestionável de que ele existiu e está bem vivo nas suas memórias. Moradora do município de Patos, no Sertão paraibano, ela lembra de alguns episódios da infância com o pai, na cidade de Teixeira.

“Meu pai dizia que era brejeiro, um negão alto, gostava de um chapuzão de palha, daquele chapéu grande de quadrilha. Ele era muito querido aqui na terra das Espinharas. Era bem brincalhão. Quem estivesse triste, ria com ele. Eu era criança, mas lembro. Tinha cantoria na casa do meu pai, onde a gente morava”, relatou.

Um dos causos engraçados foi quando Zé Limeira recebeu um convite para cantar em São José de Espinharas. “O homem estava sentado, com um livro na mão, mas virado de cabeça para baixo. Meu pai foi chegando, deu bom dia e disse: o senhor vai me desculpar, mas está com o livro de cabeça para baixo. Aí o homem disse: Não, eu sei. É porque eu já li e estou deslendo”, contou a filha, gargalhando.

Zé Limeira morava no Brejo e por lá havia muita cantoria, lembra dona Severina. “Ele ia cantar toda semana, botava a viola nas costas, o chapéu na cabeça e dizia: agora, eu vou passar onde está Lampião. Ele era muito amigo de Lampião, conheceu ele pro lado de Piedade, em Pernambuco”, afirmou.

Nas memórias que tem do pai, Severina falou do carinho que Zé Limeira tinha com os filhos. “Ele sentava na porta, aquela terra de Lagoa de Dentro bem alvinha, e fazia cócega na gente. Sentado, com os pés inchados, ele adivinhou o dia de morrer. Estava doente do fígado, rim e coração. Minha avó, brincando, dizia que ia botar uma vela na mão dele e ele respondia que ele era quem ia botar a vela na mão dela”, disse.

Um dia, a avó disse que ia chamar o padre para ele se confessar e Zé Limeira anunciou o seu fim próximo. “Ele disse que só na semana seguinte, porque era quando Deus queria que ele fizesse isso. Na outra semana, o padre foi a cavalo. Ele se confessou na sexta e, quando foi no sábado, morreu”, lamentou.

(Com informações de Lusângela Azevedo – sucursal/ Patos)

VOCÊ SABIA?

■ **Personagem de quadrinhos** – A história do poeta Zé Limeira chamou a atenção do designer e ilustrador baiano Davi Sales que resolveu contar os causos do poeta na forma de histórias em quadrinhos. Na dúvida se faria uma biografia ou se teria como base o livro de Orlando Tejo, ele decidiu criar sua própria versão, transformando o poeta em um super herói que lutava contra inimigos de mundos imaginários. Até 2017, já eram dois volumes publicados. A obra em quadrinhos foi inspirada no trabalho de Tejo sobre Zé Limeira.

■ **Versos viraram música** – Alguns artistas têm seu trabalho agregado ou inspirado em Zé Limeira. O músico Beto Brito, por exemplo, fez a música ‘Zé Limeirando’ e tem trabalho musical nessa vertente da cultura popular. “Foi num foi eu tou pensando, Zé Limeira assim falou segredo de minha mala, meu cavalo corredor, quem sabe o que sou, sou eu, sou eu quem sabe o que sou”, diz um trecho.

Com a música ‘Auto de Zé Limeira’, o grupo Cabruêra também homenageou o ‘Poeta do Absurdo’. “Pare o tempo, o vento, o mundo inteiro; as espécies, os bichos, as vontades. Pare o mal e parem as maldades. Pare o bem, o bom. Pare o luzeiro que alumia e que queima o juazeiro. Pare a força dessas contradições, pare a regra geral das ilusões e a caldeira que energiza tudo, pois do alto do céu vem um entrudo, Zé Limeira puxando seus cordões”. Essa canção faz parte do CD ‘Cabruêra – o samba de minha terra’.

Heitor Falcão

Na vanguarda da crônica social paraibana

Cecília Noronha
Cecilianoronha2@gmail.com

Durante quase 40 anos, o jornalista Heitor Falcão atuou como colunista social na Paraíba, sendo considerado o primeiro cronista desse gênero no Estado. Além de pioneiro, foi um vanguardista, inserir notícias de política e economia em sua seção, sem esquecer do registro de festas e do glamour dos eventos. Em sua trajetória profissional, passou pelos jornais Correio da Paraíba e O Momento até lançar seu próprio veículo de comunicação.

A história do jornalismo paraibano aponta para Heitor Falcão como pioneiro na crônica social, começando com a seção 'Agá Informa', publicada no extinto jornal Correio da Paraíba. O espaço era voltado apenas para registros sociais. Depois, no início dos anos 70, começou a assinar sua coluna no antigo semanário O Momento, dirigido pelo jornalista Jório Machado, já falecido. Nesse veículo, que tinha grande aceitação dos leitores, permaneceu durante dois anos. Com o tempo, ele resolveu ousar ainda mais e criou seu próprio meio de comunicação, ao qual deu o nome de Jornal de Agá, que circulou por uma década.

Ao todo, foram mais de 40 anos atuando como a principal referência do colunismo social do Estado. O jornalista, escritor e colunista social Abelardo Jurema descreve Heitor como um talento nato. "Heitor era um jornalista nato, embora não tenha frequentado nenhum curso superior. Era alto funcionário do Tribunal Regional Eleitoral onde trabalhou por muitos anos até se aposentar", destacou.

Um dos legados atribuídos a Heitor Falcão foi o fato dele ter imprimido notoriedade e respeitabilidade ao colunismo social. Além desse aspecto, outro ponto de destaque nas seções assinadas pelo jornalista é a inclusão de informações sobre o cotidiano, iniciativa que aponta para a inovação da linguagem.

"Quando se debruçava em sua máquina de escrever, o mundo lá fora parecia não existir diante da sua concentração. Foi ele quem deu amplitude e respeitabilidade à crônica social", comentou Abelardo Jurema. "Sem demérito de alguns que iniciaram essa atividade na Paraíba, foi a partir de Heitor Falcão de Freitas, o Agá, que a coluna social passou a se envolver com a política, com a economia e o noticiário do cotidiano com mais profundidade, sem prejuízo das fotos e do glamour das festas e recepções", completou.

Ainda de acordo com Abelardo Jurema, o compromisso com a notícia era marca de Heitor Falcão e, portanto, ele não permitia intervenções em sua escrita. "Eu o considerava um dos mais completos jornalistas da Paraíba. Um professor na forma de escrever, na sua relação de intimidade de carinho com as palavras e, sobretudo, pelo seu compromisso com a notícia", acentuou. "Tinha uma personalidade indômita, valente, que não se intimidava com os poderosos de plantão, nem se deixava seduzir pelo poder econômico. Fazia o seu ofício por amor, pelo prazer, e não permitia qualquer influência externa no seu trabalho", garantiu.

Na intimidade

A viúva de Heitor e também jornalista Sônia Yost falou sobre a personalidade do ser humano por trás da personalidade pública de Heitor. Ela o descreve como um homem inteligente e capaz de gestos generosos.

"Heitor era um homem muito especial. Íntegro, de uma personalidade marcante, impetuoso, às vezes bem irreverente, generoso extremo, muito inteligente, criativo e apaixonado. Adorava festas, viagens e estar com os amigos, que ele prezava e defendia", recordou.

O jornalista Abelardo Jurema, além de colega de profissão, também conviveu bastante com Heitor Falcão. Para ele, seu amigo era um modelo a ser seguido. "Amigo fraterno da família Jurema,

hospedava-se em nosso apartamento em suas viagens ao Rio de Janeiro. Naquela época, ainda adolescente, já admirava - e me influenciava - a sua personalidade marcante, carismática, que se entregava ao seu mister com paixão e entusiasmo. Foi com ele que aprendi muitos dos segredos da profissão", destacou.

Heitor Falcão nasceu em João Pessoa, em 14 de junho de 1926. Ele faleceu aos 66 anos de idade, no dia 19 de abril de 1993. A causa de sua morte foi em consequência de insuficiência respiratória, provocada pelo consumo do cigarro, pois ele chegava fumar uma média de três maços por dia. O jornalista era casado com a também jornalista Sônia Yost, com quem viveu por 26 anos até o seu falecimento. Eles não tiveram filhos.

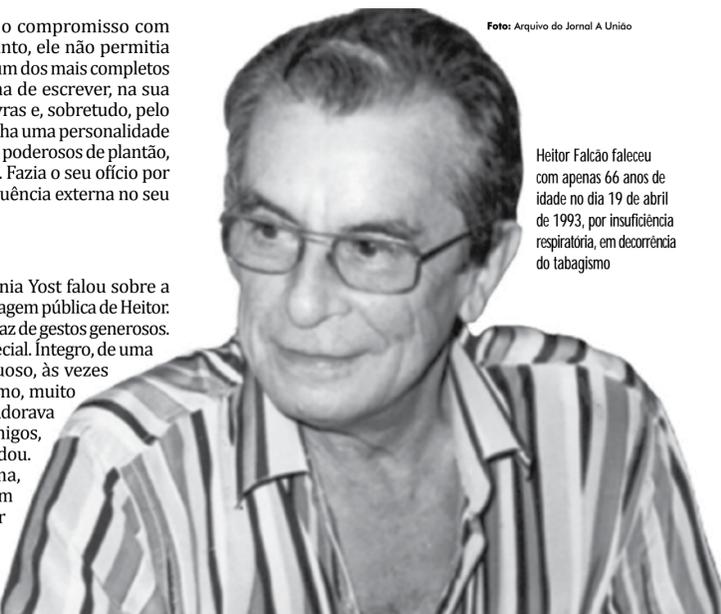


Foto: Arquivo do Jornal A União

Heitor Falcão faleceu com apenas 66 anos de idade no dia 19 de abril de 1993, por insuficiência respiratória, em decorrência do tabagismo



TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

■ Durante 40 anos, o colunista social passou pelos jornais Correio da Paraíba e O Momento; em seguida, foi ousado ao lançar seu próprio veículo de informação, O Jornal de Agá, que circulou durante uma década e conquistou muitos leitores.

Um troféu para perpetuar sua memória

Há mais de 20 anos, Heitor Falcão é nome do troféu mais importante na área da crônica social paraibana. A premiação foi instituída pelo colunista social Abelardo Jurema. Várias personalidades da sociedade já foram prestigiadas durante as cerimônias anuais. Segundo o idealizador, esta é uma forma de manter viva a memória de um dos homens mais importantes da área na Paraíba.

"Foi por sua inspiração e para perpetuar a sua memória que criei, em 1998, o Troféu Heitor Falcão, que já está em sua 23ª versão, uma forma de homenagear os valores da terra, de reconhecer o talento e de exaltar aqueles que constroem a Paraíba dos nossos dias", explicou Abelardo.

Para a jornalista Sônia Yost, a família se emociona em saber da existência de tamanha homenagem ao seu marido falecido. "Abelardo, com seu Troféu Heitor Falcão, resgatou a memória do seu grande amigo e incentivador, algo extraordinário numa terra que não cultua suas raízes, seus filhos e seus 'heróis'. Aliás, acho ambos muito parecidos na paixão e competência com que exercem o jornalismo sério", enfatizou a viúva.

Também para Sônia, o troféu é uma forma de reconhecimento do talento do marido. "Heitor foi o primeiro cronista social da Paraíba, iniciando seu trabalho no Correio da Paraíba. Como colunista, imprimiu sua grande personalidade, com uma escrita moderna, ágil, bem e dinâmica. Uma escrita ágil, elegante e sempre atenta com seu tempo. Fazia um jornalismo com paixão, sem qualquer interesse econômico", afirmou.

Diante da dimensão do nome de Heitor Falcão para a crônica social na Paraíba, Abelardo Jurema acredita que muito mais poderia ser feito. "No Rio de Janeiro, em frente ao Copacabana Palace, existe uma estátua do jornalista Ibrahim Sued, o mais famoso colunista social do país, num reconhecimento ao que ele representou para a cidade. Aqui, falta uma estátua do Heitor em frente a antiga sede do Clube Cabo Branco, no Centro, onde se reunia com os amigos, contemplava a cidade e registrava a história do seu tempo", comparou.



Foto: Arquivo do Jornal A União

A premiação reconhece o talento de Heitor Falcão e já está na 23ª edição

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Quando uma boa entrevista se torna perene

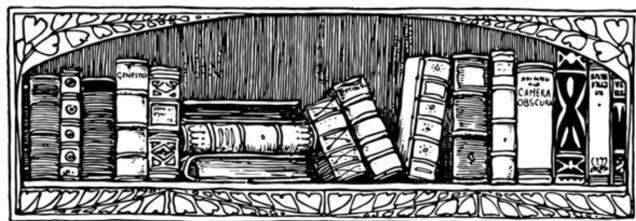
A maioria das pessoas, imagino, tem algum livro de cabeceira, ou de destaque na estante, pronto para ser alçado à leitura do momento. Não tenho apenas uma obra nessa categoria, tenho várias. E sempre as revisito, dependendo do humor ou do tempo. "Encontros com 40 grandes autores", de Ben Naparstek, está nesse rol. Comprei esse livro há 11 anos e gosto muito: do estilo de Naparstek e dos autores entrevistados, entre escritores de ficção e de não-ficção. Alguns, admito, passei a conhecer um pouco mais por essa obra.

Ben Naparstek (jornalista australiano que hoje está com 36 anos) domina a arte de entrevistar e de escrever. O que não é pouco em uma pessoa. Sua narrativa flui com facilidade, e você se envolve com o que resultou dos seus encontros com diversos autores. A cada entrevistado, você aprende um pouco mais. De José Saramago a Umberto Eco; de Noam Chomsky a John Gray; de Elfriede Jelinek a Toni Morrison.

Do diálogo com o escritor britânico Graham Swift, gosto muito dessa frase sobre o ato de escrever: "Um dos grandes desafios da escrita é tentar colocar em palavras o que a maioria das pessoas, na maior parte do tempo, acha muito difícil de verbalizar. O que conta não são as palavras, mas os sentimentos que elas procuram expressar".

Com Jay McInerney (autor de sete romances, entre os quais "Bri-lho da noite, cidade grande"), o leitor se depara com a distinção, na ótica do escritor norte-americano, entre o ato de escrever um romance e o de escrever um conto. "Escrever um romance é semelhante ao compromisso a longo prazo do casamento. Os contos são os encontros de uma noite", define.

Já a entrevista de Saramago foi concedida a Ben Naparstek por ocasião do lançamento do 16º trabalho de ficção do escritor português ("As intermitências da morte"), e a conversa se deu por e-mail. "Éramos uma família por, sem formação, com horizontes



limitados, em uma linhagem contínua de analfabetos, geração pós-geração", disse Saramago, ao revelar que nasceu de uma família de camponeses analfabetos do Sul de Portugal. "Eu li tudo o que estivesse ao meu alcance - até mesmo jornais que pegava do chão. De leitor a escritor foi um passo lógico", conta o autor de "Ensaio sobre a Cegueira", romance essencial e principalmente em tempos de pandemia.

Quem é jornalista vai gostar de ler a entrevista com Janet Malcolm, autora do célebre "o Jornalista e o assassino". Para quem não conhece a obra, Naparstek resume bem. "Em o Jornalista e o Assassino (The Journalist and The Murder, 1990), Malcolm descreve a traição inevitável implícita no encontro jornalista-sujeito; o sujeito regride como um paciente em psicanálise, confiando infantilmente em

seu entrevistador, apenas para descobrir que o jornalista não é um ouvinte compassivo, mas um profissional que tem um plano de trabalho e uma história a ser criada".

O livro "Encontros com 40 grandes autores" foi lançado no Brasil em 2010. Vale muito a leitura pelo estilo de Ben Naparstek e mais ainda pelos escritores entrevistados. Há detalhes sobre a vida de cada autor e alguns aspectos sobre suas obras. Mostra que para ser um bom entrevistado é preciso talento. Transformar o que obtive em um texto que cativa os leitores, mais ainda. Essa compilação de entrevistas pode ser encontrada com facilidade pela internet. Na Estante Virtual, por exemplo, há exemplares com preços que variam de R\$ 9 a R\$ 32. Se eu fosse você, corria logo para garantir o seu.

Dom Cardoso



escritoriocardoso@gmail.com

Dalva de Oliveira II - a "Rainha do Rádio" no ano de 1951

Rainha do Rádio foi um concurso criado pela Associação Brasileira de Rádio para arrecadar fundos para a construção de um hospital. As cédulas de votação vinham na Revista do Rádio e a primeira premiação ocorreu no ano de 1937, no late Laranjeiras, um barco navaleco ancorado na Esplanada do Castelo, no Rio de Janeiro. Linda Batista foi a campeã e reteve o título por onze anos, até que foram realizadas novas votações.

A eleição de 1949 marcou uma das maiores rivalidades da história da MPB: Marlene e Emilinha Borba. Marlene foi procurada pela Antarcica que estava lançando o guaraná caulinha. Para promover a marca, a empresa lhe deu um cheque em branco para que ela comprasse quantas revistas e votos fossem necessários. Marlene foi eleita com 529.982 votos. Emilinha era uma candidata forte, mas ficou em terceiro lugar, depois de Ademilde Fonseca. Marlene manteve o título em 1950, entregando-o no ano seguinte para Dalva de Oliveira. Emilinha o venceria apenas em 1953. Nesse ano, a Revista do Rádio passou a fazer eleições estaduais. Alguns estados passaram a ter seus próprios reis e rainhas. No Rio de Janeiro, o primeiro cantor a ser eleito Rei do Rádio foi Francisco Carlos, em 1958. O rádio de São Paulo realizou o concurso apenas uma vez, em 1953. Isaura Garcia foi a eleita.

O espetacular sucesso de Dalva de Oliveira, em 1950, só poderia levá-la a um caminho: a Rádio Nacional; apesar de todos os problemas conjugais, os filhos internados em um internato por ordens da Justiça, e a constante

boataria sobre sua vida pecaminosa, cheia de amores proibidos. A cantora, mesmo amedrontada com os poderosos fãs clubes de Emilinha Borba e Marlene, que faziam da Rádio Nacional seu ponto de encontro, mas a Rádio Nacional iria lançar todo o seu poder de fogo para eleger Dalva de Oliveira a Rainha do Rádio de 1951.

Dalva, a Rainha do Rádio de 1951, "Vitória sensacional - Marilena Alves em segundo e Carmélia em terceiro, as princesas! - foi assim que decorreu a apuração final - Dalva chorava e seus filhos também - Quem não chorou!"

"Que o amor é, simplesmente, o ridículo da vida". Este verso inesquecível está no belíssimo samba 'Bom dia', que depois foi regravado em bolero por Dalva de Oliveira no ano de 1968. De autoria dos compositores Herivelto Martins e Aldo Cabral, o tema é mais uma vez a separação e a reação apaixonada beirando o desespero do amante abandonado. A letra é carregada de expressões dramáticas e teatrais que ajudam a reforçar a interpretação não menos intensa de Dalva de Oliveira.

Dalva de Oliveira foi sempre uma mulher sensível, delicada, frágil mas ao mesmo tempo muito forte. Embora muito dependente do marido Herivelto Martins, mesmo com o desenlace matrimonial, Dalva continuava amando-o até o fim da sua vida. Entre os dois havia paixões e ódio, cada um ao seu modo na tentativa de destruir o outro.

Dalva era uma mulher vibrante, batalhadora e moderna demais para sua época, enquanto Herivelto Martins ainda se apegava à falsa moralidade de que o homem podia fazer

de tudo sem manchar o nome, mas qualquer coisa maculava o "sexo frágil". Ele era apenas fruto dos preconceitos do seu tempo. Sem falar, que o sucesso de Dalva pesava sobre o seu machismo. Ela era a grande diva do "Trio de Ouro". Um casamento não poderia sobreviver a tamanho descompasso.

Dalva logo perceberia que seu casamento com Herivelto nunca seria um conto de fadas. O autor de "Caminheiros" era inveterado boêmio, e fez dos bares e botequins da Praça Tiradentes e adjacências seu reduto. Todas as noites, ele comparecia ao local, onde, em frente ao Teatro Carlos Gomes, ficava batendo papo com outros compositores e cantores. Só voltava para casa a altas horas.

Herivelto continuou a aprontar: manteve o gosto pela boêmia e acentuou suas escapadas amorosas e transformou seu apartamento, depois dos shows do Trio de Ouro, no Cassino da Urca, em um ponto de encontro de amigos, ocasião que discutiam os destinos da Música Popular Brasileira, tomavam muita cerveja e comiam o macarrão preparado por Dalva - uma Dalva exausta, com sono e ainda de vestido longo, maquiagem, cabelos penteados.

Dalva não era ingênua: sabia dos namoricos de Herivelto, mas suportava a frieza do marido e a presença daquela turma de famintos e sedentos na sua casa àquela hora. Seu comportamento, contudo, era estranho: quase sempre ela nada dizia. Não reclamava. Nada cobrava do marido. Sua passividade que o próprio filho Pery Ribeiro e os amigos mais íntimos não sabiam explicar.

Às vezes, porém, ela explodia e a discussão entre os dois descambava para a troca de sopapos. Não foram poucas as ocasiões em que Herivelto, cego de ódio, agrediu violentamente a mulher - e Dalva enfurecida, rachou-lhe a cabeça com uma vassourada ou um cinzeiro de bronze. A verdade é que o clima entre Dalva e Herivelto azedava a cada dia. Entre uma briga e outra, havia sempre um período de paz que, em vista da rotina da casa, era apenas o prelúdio de uma nova e mais violenta desavença.

Herivelto Martins era um grande compositor que desfrutava uma grande influência no meio artístico junto às gravadoras e às emissoras de rádio. Nesse embate apaixonado Dalva sempre levou a pior. Porém, ela gozava de um grande prestígio da comunidade gay, essa comunidade tinha muita influência no meio artístico. Foi decisivo que Dalva saísse do limbo de dificuldades em face do entrevero com Herivelto Martins. Nesse ínterim, sua carreira musical continua numa crescente.

Dalva de Oliveira, a essa altura, já podia viver como estrela; compra uma mansão espetacular em Jacarepaguá, com o quintal abarrotado de animais, alguns exóticos (araras, papagaios, macacos), onde ela recebia seus amigos mais chegados com suculentas macarronadas e apetitosas feijoadas, tudo saboreado à beira de sua piscina.

Dalva fez uma curta temporada em Londres, ocasião em que cantou acompanhada da orquestra de Roberto Inglês, na festa de coação da Rainha Elizabeth II. Nos estúdios da Parlophone, Dalva gravou um LP no qual recriou clássicos brasileiros como "Tico-tico no tubá", de Zequinha de Abreu, e "Aquela do Brasil" e "Na baixa do sapateiro", de Ary Barroso.

Além de tudo, mesmo sendo Dalva uma grande amante, jamais se substituiu, detentora de grandes interpretações de suas inquietações, frustrações e ousadias, feito marcante somente visto em grandes mulheres. Grande Otelo, grande amigo de Dalva de Oliveira, afirmou certa vez que Dalva cantava com o útero e não com a garganta, ela imprimia todos os recursos da voz que possuía para cantar o amor e as paixões exasperadas.

Seu filho Pery Ribeiro, quando escreveu um livro intitulado "Minhas duas estrelas", faz a seguinte afirmativa: "na verdade, minha mãe tomou para si as dores dos amores desfeitos, amarguras das despedidas". E continua Pery: "minha mãe foi uma mulher fora do seu tempo".

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@walterulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

Foto: Pixabay



Sinal vermelho

É notório que a volta ao novo normal em bares e restaurantes vem sendo frequentado por grupo de jovens, e com isso restaurantes que antes da pandemia já tinham um público com uma idade acima dos quarenta anos e de grupo de família, não vem conseguindo bater a meta semanal.

Esta semana fui a um restaurante pela primeira vez após a flexibilização, e antes que a comida chegasse à mesa bati um bom papo com o gerente local – com seus mais de 40 anos de experiência no ramo – e pude ter uma rápida visão do que eu já sabia e fortificou mais com os seus relatos.

Este restaurante no pico da pandemia teve que demitir cinco funcionários, subiu de 70 pedidos da quinta-feira ao domingo para 150 nestes mesmos dias. Porém, com a queda de cliente interno no restaurante houve muitas mudanças até de funções.

Hoje, com o retorno dos 50% da capacidade permitida no seu estabelecimento, eles não conseguem atrair o público que frequentava antes.

Ainda há uma classe no sinal vermelho com medo (e na verdade se coloca medo mesmo). Neste local que fui, em escala de zero a dez em segurança da covid, eu posso classificá-lo em média 7. E olha que já é uma média muito alta quando comparamos com muitos que vejo em bairros e em fotos de pessoas nas redes sociais.

Ainda existem aqueles estabelecimentos que a regra é clara para zero segurança e o risco de contaminação é grave, pois na medida que as pessoas vão tomando seus copos de bebidas também vão esquecendo que a pandemia é viva no meio de todos, e levantam sem máscaras para irem ao banheiro. Em alguns bares de bairros, mesas muito próximas, garçons com aqueles velhos paninhos de mesa, máscara escorrega e puxa para o nariz, e por aí vai a coisa.

O sentimento de medo é gerado e muito claro ao perceber todas essas coisas. Não venho aqui dizer que deveria estar tudo fechado, mas uma fiscalização periódica creio que deveria existir. Isso seria o mínimo a ser feito para tentar amenizar alguma coisa que possamos vir a sofrer daqui a alguns meses, ou não!

A regra é clara e não estão sendo poucos o números de mortos, pois já passamos de 120 mil vítimas. E o amanhã como será?

Cada pessoa tem que ter sua consciência e fazer o papel de fiscalizador neste momento, exigir em cada local que vá o que está sendo feito errado e cobrar para que seja feito de maneira correta. Neste país, onde o presidente chamou ironicamente uma doença de gripezinha, temos que ao menos ter respeito a quem está à mesa do nosso lado. Acho que isso já é o suficiente para mantermos a distância com segurança e podermos ser felizes nesse novo normal.

QUENTINHAS

- Querem provar um galeto diferente? Pois vou deixar a dica do Galetos Restaurante e Petisceria, vou só falar um pouco como ele é: todo desossado, com um recheio de calabresa e carne moída temperada, acompanha vinagrete, farofa e macaxeira. É de pirar o paladar de qualquer pessoa. Seu Instagram @galetosrestaurantejp e contato: Tel 99697-0615

- A Fan Pizza Delivery, uma pizzaria de sabor próprio que já é sucesso no município de Santa Rita, vem ganhando mais espaço com seus novos sabores e qualidade de massa e recheios, quero saber o dia que vão abrir na capital, pois eu já serei um cliente forte. Seu Instagram @fan_pizza_delivery

- O Restaurante Tábua de Carne, em Manaíra, está aberto todos os dias no horário do almoço e com uma rigorosa segurança contra a covid, mantendo o distanciamento, além de seus funcionários terem sido todos treinados para essa ação que tanto nos deixa inseguros. Seu Instagram @tabuadecarnerest contato: Tel. 98802-5419

- A promoção feita no Sanduba do Careca, hamburguer com preço de balcão de R\$ 4,99 nos primeiros cinquenta clientes que chegassem ao local, foi uma mega ação, além de ter tido a visita do chefe da franquia o Careca, que veio de Maceió e balançou com o público que visitou o local. Seu Instagram @sandubadocareca. jpa contato: 99176-4626

PRATO DO DIA

Suíno Baraúna

Ingredientes

- 1 e 1/2 de filé de pernil suíno
- 2 cebolas grandes cortadas em cruz
- 2 batatas inglesa grandes
- 1 cenoura cortada em cubos
- 3 dentes de alho amassados
- 5 tomates bem maduros cortadas em cruz
- 1 abacaxi em cubos
- 100ml de cachaça Baraúna Umburana
- Salsa e alecrim fresco ou tempero de ervas finas
- Sal e pimenta do reino a gosto
- Lemon Pepper a gosto
- Suco de uma laranja
- 30ml de molho inglês
- 1 filete de azeite
- 2 folhas de louro

Acompanhamento

Arroz refogado no alho com amendoim sem casca.

Modo de preparo:

Tempere a carne de porco com: suco de 1 limão, as ervas, sal, pimenta do reino, um pouco de azeite, 2 folhas de louro. Deixe descansar na geladeira por no mínimo seis horas.

Em uma panela de pressão, acrescente o filete de azeite, em seguida coloque a cebola e o alho refogue por um tempo, em seguida acrescente os tomates e a cenoura cortada em cubos, coloque a carne de porco já cortada em cubos aos poucos para se acomodar na panela, acrescente o restante dos ingredientes, menos a cachaça. Quando já estiver fervendo, aí sim coloque a cachaça e tampe a panela. Deixe cozinhar em média de 25 a 30 minutos dependendo de cada fogão. E sirva conforme a foto!



PITADAS A GOSTO

Você sabia que a carne suína é a fonte de proteína animal mais consumida em todo o mundo, com sabor diferenciado e marcante. Para que a produção seja suficiente para alimentar todos os brasileiros e ainda exportar para todos os continentes, o Brasil conta com uma cadeia produtiva organizada e voltada para a qualidade da carne. Com evidências de pecuária suína que datam de 5000 a.C.. No entanto, o seu consumo é considerado como um tabu alimentar por diversas religiões, como o judaísmo, islamismo e o adventismo, que consideram-na uma carne impura.

A suinicultura desempenha papel estratégico na alimentação humana. A carne de porco é a carne mais consumida no mundo; para alguns autores representaria 44% do consumo global, contra 29% da bovina e 23% da carne de aves, enquanto outros apontam-na como sendo responsável por 38% da produção mundial de carne, seguida pela carne de frango, com 30%, e a bovina com 25%.